

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC SP

JANE DE OLIVEIRA PEREIRA

**ESTRANGEIRISMOS DE ORIGEM INGLESA: AMPLIAÇÃO DO
CONHECIMENTO PRÉVIO DO ALUNO E BASE PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS**

**ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS REFLEXIVAS E ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA**

**SÃO PAULO
2013**

JANE DE OLIVEIRA PEREIRA

**ESTRANGEIRISMOS DE ORIGEM INGLESA: AMPLIAÇÃO DO
CONHECIMENTO PRÉVIO DO ALUNO E BASE PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS**

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública, sob a orientação da Professora Doutora Ana Maria Affonso Cunha.

**SÃO PAULO
2013**

Agradecimentos

Agradeço a Deus, o meu Senhor, por todas as oportunidades, em especial essa; pela saúde, curiosidade e força de vontade; pelo esposo que me deu, a quem também devo muitos agradecimentos, muito mais que meu companheiro, tem sido meu conselheiro, motorista e principal incentivador, sempre me contagiando com sua paciência e amor.

E em especial a professora Ana Maria, orientadora que pelo seu exemplo mostrou-me o quanto é possível atingir um objetivo quando se é perseverante.

“Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”

Ludwig Wittgenstein
(ano 1995, p.111)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Uso de estrangeirismos.....	07
Figura 2	Uso de inglês no cotidiano brasileiro.....	15

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Importância do estudo de inglês.....	41
Gráfico 2	Finalidade do estudo de inglês	42
Gráfico 3	Locais para o estudo de inglês	43
Gráfico 4	Presença de estrangeirismos na língua portuguesa.....	44
Gráfico 5	Conhecimento prévio sobre estrangeirismos	45
Gráfico 6	Estrangeirismos conhecidos.....	46
Gráfico 7	Uso de estrangeirismos.....	47
Gráfico 8	Estrangeirismos facilitadores do conhecimento.....	48
Gráfico 9	Percepção da própria aprendizagem.....	49
Gráfico 10	Estudo de estrangeirismos.....	50
Gráfico 11	Estrangeirismo como elemento motivador.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 A construção social da Linguagem.....	12
1.2 O papel dos conhecimentos prévios e do conhecimento de mundo na compreensão dos estrangeirismos.....	16
1.3 Estrangeirismos: Definição e Polêmica quanto ao uso.....	19
2. O PAPEL POLÍTICO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS	24
2.1 A hegemonia do Inglês.....	24
2.2 O papel político do professor de Línguas.....	27
2.3 A postura de isolamento político do Professor.....	29
3. METODOLOGIA DE PESQUISA	32
3.1 Contexto de Pesquisa - A comunidade e a Escola.....	32
3.2 Os participantes da Pesquisa - A Turma focal.....	34
3.3 Procedimentos para a coleta e análise dos dados.....	36
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	41
4.1 Sondagem diagnóstica.....	41
4.2 Conhecimento prévio.....	43
4.3 Conscientização.....	47
4.4 Grau de interesse.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	58
ANEXO A - Projeto de Lei nº 1.676 de 1999.....	59
ANEXO B - Justificativa do Projeto de Lei.....	62
ANEXO C - Requerimento dos linguistas ao Senado da República.....	66
ANEXO D - Questionário aplicado aos alunos.....	68
ANEXO E - Comprovante de envio do Projeto para Plataforma Brasil.....	71

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu da minha experiência pessoal como professora de Língua Inglesa na rede municipal de São Paulo em concomitância com o cargo de professora de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino. Considero-me então “Professora de Língua” apenas, visto que sou professora de Língua (Materna), doravante L1 neste trabalho, e também de Língua Estrangeira, apresentada como L2 neste trabalho. Inevitavelmente me pego comparando e associando um idioma ao outro, um cargo ao outro e por que não dizer, comparando o comportamento do aluno no que se refere à disposição para a aprendizagem de Língua Materna com a disposição e interesse em aprender Língua Estrangeira.

Certa ocasião estava na sala dos professores, no momento de intervalo, folheando o livro didático de 9º ano do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa recém-adotado pela Unidade Escolar, quando me deparei com uma tira em quadrinhos que me chamou muito a atenção, representada na Figura 1 a seguir:

Estrangeirismos na moderna língua portuguesa

1 Observe a situação dos amigos de Aline na tira a seguir.



Aline, de Adão Iturrusgarai.

Figura1. Uso de estrangeirismos (ITURRUSGARAI, A. apud MARCHETTI, 2009 p. 264).

O interesse me saltou aos olhos, pois retrata justamente a questão do uso da Língua Estrangeira ao invés do uso da mesma expressão em Língua Materna, fenômeno esse cada vez mais comum no cotidiano dos brasileiros.

Não consegui deixar de comentar com um colega de trabalho, também professor de Língua Portuguesa, sentado ao meu lado, que em minha opinião o rapaz ao telefone deveria ser o deputado Aldo Rebelo, justamente por ter sido o autor do projeto de Lei nº 1676/99, “Que dispõe sobre a promoção, proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”.

Qual foi a minha surpresa o professor soltou um leve sorriso e parecia não compreender sobre o que exatamente eu estava falando.

Nesse momento iniciei uma reflexão sobre como eu, como professora de Língua estrangeira que sou, estou partilhando e trabalhando com meus alunos a questão do uso dos estrangeirismos.

O atual panorama linguístico está em um grande processo de mutabilidade, em altíssima rapidez, quase tão rápido quanto a inserção, aceitação e utilização da internet. Convém salientar que está havendo, senão a maior, talvez uma das maiores inserções de palavras de origem inglesa ao vocabulário da nossa língua portuguesa, nas mais diversas áreas, como na informática, nos textos publicitários e economia. Nunca os empréstimos linguísticos foram tão frequentes, mesmo quando no início do século XX a onda de invasões era de palavras francesas.

Todavia, os professores em suas aulas de inglês na escola pública não têm aproveitado em suas práticas pedagógicas toda essa oferta de palavras inglesas, os chamados “*estrangeirismos*”, que são toda a razão deste presente trabalho, embora todos nós professores, sabemos o quanto essas palavras têm sido cada vez mais comuns na nossa Língua Portuguesa. Esses termos podem vir a se tornar pano de fundo para contemplar um ensino de Língua Estrangeira mais interessante, eficiente e até mesmo mais contextualizado à vida real do educando, visto que muitas palavras inglesas fazem parte de sua vida.

O tema “Estrangeirismos de origem inglesa: Ampliação do conhecimento prévio do aluno e base para o ensino-aprendizagem de inglês” é uma proposta que visa contemplar os documentos que sugerem a construção de conhecimentos sistêmicos a partir do conhecimento de mundo do aluno.

Sob esse aspecto os PCN-LE (1999) explicitam:

Um dos procedimentos básicos de qualquer processo de aprendizagem é o relacionamento que o aluno faz do que quer aprender com aquilo que já sabe. Isso quer dizer que um dos processos centrais de construir conhecimento é baseado no conhecimento que o aluno já tem: a projeção dos conhecimentos que já possui no conhecimento novo, na tentativa de se aproximar do que vai aprender. (BRASIL, 1999, p.32).

Ao término do presente trabalho pretende-se responder as seguintes questões:

⇒ Como fazer o aluno sentir-se parte integrante do “English World”, já que muitas vezes não se sente apto/capaz de interagir com o idioma, não se sente parte do discurso e até em algumas situações chega a ter resistência em aprender?

⇒ É possível usar os estrangeirismos, já tão conhecidos pelos alunos como ponto de partida para ampliação de seu conhecimento prévio?

⇒ Já que várias palavras inglesas estão tão internalizadas à vida do aluno, de que maneira aproveitar esse conhecimento prévio para que o aluno perceba o quanto sabe de Língua estrangeira e não se dá conta?

⇒ Por que o professor de Língua Estrangeira negligencia esse trabalho com os estrangeirismos, como se fosse exclusivo dos professores de Língua Materna?

Por isso, o tema se apresenta atual e necessário, haja vista ter se tornado tema de discussão fervorosa entre linguistas, inversamente proporcional à medida que é um tema pouco comentado entre os professores da área de Língua Estrangeira Moderna, fato esse extremamente paradoxal, já que está em conexão com um assunto, que é de total área de atuação desses profissionais.

Faz-se necessário realizar com isso, um trabalho de conscientização de que nossos alunos sabem inglês, sem medir grau e escala de conhecimento. Esse processo de identificação do quanto e do quê eles sabem serve de alicerce para galgar uma construção mais aprofundada dos estrangeirismos, e que são superficialmente conhecidos por eles.

Dentro desse contexto, este trabalho se justifica ao servir de base para especificar como os estrangeirismos podem ser úteis, significando uma alta parcela de contribuição de aprendizado de uma língua estrangeira moderna.

O estudo, entendimento e análise das razões em que todos os falantes da língua, em especial nossos alunos, têm se utilizado cada vez mais de todo tipo de estrangeirismos, em diversas situações de comunicação, inclusive em sala de aula é a principal razão pela qual reitero que esse tema deve fazer parte das aulas de inglês.

É extremamente necessário que o professor munido de informações desse material monográfico possa definir estratégias e trabalhar em favor de aproveitar a

altíssima gama de opções de palavras de origem inglesa, especificando esforços para a valorização dos estrangeirismos.

Diversos estudos foram realizados em se tratando do tema estrangeirismos nos mais diversos setores, como por exemplo, uma pesquisa denominada: “O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu” realizada por Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003), que tratou de explicar como se deu etimologicamente o processo de integração dessas palavras ao vocabulário.

Marcon (2005), estudante de mestrado em Ciências da Linguagem investigou o uso de estrangeirismos no seriado *Malhação* apresentado em uma emissora de televisão brasileira. Esse estudo objetivou exemplificar que as palavras inglesas utilizadas por nossos jovens tanto na telenovela quanto na vida real, não constituem perda da identidade e sim um acréscimo positivo ao nosso idioma.

Na Língua Portuguesa, Furtado (2008) fez a análise de uma revista de grande circulação onde esse tema também foi estudado. Essa pesquisa pontuou verificações sobre em quais seções da revista *Isto É Dinheiro*, os usos de estrangeirismos são mais frequentes, considerando as especificidades da linguagem. Para isso foram listados e analisados termos das áreas da economia, informática/tecnologia/comunicação.

Como mais um exemplo pode ser considerada a tese de Rosa (2005) que aprofundou-se em um estudo sobre os estrangeirismos usados especificamente na área bancária.

Podemos notar que nenhum desses estudos teve por objetivo atender a necessidade específica de tratar desse assunto dentro das aulas de Língua Estrangeira Moderna (Inglês) na escola Pública. Essa é, pois a lacuna em que se insere o estudo realizado nesta pesquisa, visto que, como professora de ambas as áreas (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) tenho me questionado por que os estrangeirismos são ignorados do ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira.

Interessante observar que me deparei com resistências até mesmo dentro da comunidade de professores de inglês, quando com o objetivo de iniciar este estudo, no curso de pós-graduação Especialização em Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública, apresentei meu pré-projeto no Módulo de Redação Acadêmica.

Muitos foram os professores que mostraram oposição a este tema, dizendo: “Esse assunto é da área de Língua Portuguesa...” outros professores disseram: “Isto não tem nada a ver com aula de Inglês...”.

Confesso ter me sentido desmotivada até quando minha professora orientadora Ana Maria Affonso Cunha fez-me refletir sobre o tema, encorajando-me a prosseguir com esta pesquisa.

Notei o quanto nossa área precisa ter certos mitos desconstruídos, pois na construção de conhecimentos que deveria ser inter e transdisciplinar, vê-se uma fragmentação, ao se acreditar que um determinado assunto seja exclusivo de determinada área e intocável de outra, tornando-se também esse fator uma das razões desta minha investigação.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, apresento a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, definindo o conceito de estrangeirismos e o papel do conhecimento prévio do aluno no processo de ensino-aprendizagem de inglês. No segundo trago informações sobre o papel político necessário ao professor de Línguas. No terceiro trato da metodologia de pesquisa adotada neste trabalho, apresentando o contexto de pesquisa, perfil dos participantes, bem como procedimentos para a coleta e análise dos dados. No quarto e último capítulo exponho a análise e discussão dos dados obtidos.

Concluindo, teço minhas Considerações Finais e apresento as Referências e os Anexos que complementam o trabalho.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em três seções. A primeira traz como se dá a construção social da Linguagem, apresentando que, tanto o desenvolvimento da linguagem quanto uma aquisição de segunda língua pressupõe a necessidade de um contato social e interação com o outro. Mostra de que maneira o ensino dos estrangeirismos dentro das aulas de inglês pode e deve atender à aprendizagem nessa questão. Explica também algumas derivações, alterações do idioma Inglês para a Língua Portuguesa e como nosso ambiente é propício para que essa interação aconteça e seja de inserção positiva para que essa aprendizagem ocorra de modo eficaz. Na segunda é vista a importância dos conhecimentos prévios e do conhecimento de mundo na compreensão dos estrangeirismos e na última seção, são definidos os estrangeirismos e apresentadas as polêmicas surgidas quanto ao seu uso dentro da Língua Portuguesa.

1.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA LINGUAGEM.

Vygotsky (2000) revela em seu célebre livro “A construção do pensamento e da linguagem” um fato fundamental, indiscutível e decisivo:

O desenvolvimento do pensamento e da linguagem depende dos instrumentos de pensamento e da experiência sociocultural da criança. Basicamente, o desenvolvimento da linguagem interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica da criança, como demonstra os estudos de Piaget, é uma função direta de sua linguagem socializada. O desenvolvimento do pensamento da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem. (VYGOSTKY, 2000, p.148-149).

A partir daí, podemos concluir duas questões fundamentais a serem destacadas como fio condutor desta pesquisa:

1. Basear o desenvolvimento do pensamento e da linguagem de uma pessoa na sua experiência sociocultural pressupõe valorizar todas as experiências que o indivíduo traz, e colocar numa posição de alta importância os conhecimentos

prévios que inerentemente o indivíduo traz consigo. (assunto que será mais bem detalhado no próximo capítulo).

2. Afirmar que o pensamento do ser humano depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, é admitirmos que a aprendizagem e o desenvolvimento de uma língua estrangeira também podem ter efeitos benéficos na possibilidade de interação e contato do nosso aluno com os diversos meios sociais aos quais ele está familiarizado, pois de acordo com Vygotsky (2000) o desenvolvimento dessa lógica é uma função direta de sua linguagem socializada.

É nítido que tanto as pesquisas quanto os estudos de Vygotsky (2000) baseiam-se nessas relações entre desenvolvimento e aprendizagem no caso da aquisição da linguagem materna. Assim, não podemos deixar de utilizar essas premissas para o nosso caso e objeto de estudo: a aquisição de uma língua estrangeira.

Ivic (2010) em seus estudos vygotksyanos afirma que:

A análise de Vygotsky sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, no caso da aquisição da linguagem, nos conduz a definir o primeiro modelo de desenvolvimento: em um processo natural a aprendizagem aparece como um meio de reforçar esse processo natural, pondo à sua disposição os instrumentos criados pela cultura que ampliam as possibilidades naturais de indivíduo e reestruturam suas funções mentais. (IVIC, 2010. p.19)

Dessa maneira, os estrangeirismos acabam por fazer esse papel de modelo, pois nossos alunos veem, leem, e reproduzem esses anglicismos como um processo natural, muitas vezes reestruturando-os em suas funções mentais de diversas maneiras. Seja dando nova grafia como em *foot ball* que se transformou em futebol; seja traduzindo o termo para nossa realidade, seja mudando a pronúncia da palavra adequando-a à nossa língua, como por exemplo o *you tube*, onde o “u” de tube popularmente perde o som de iú ou até mesmo mantendo palavras para as quais não se encontram constituintes semânticas à altura na nossa língua portuguesa, como por exemplo *light, diet, jeans e vídeo game*.

Piaget (1970) trata também desse processo de criação de novas palavras, que estamos vivenciando em nossa Linguística. O autor afirma que isso ocorre em

decorrência da formação da inteligência e da natureza ativa de conhecimentos. Ele afirma que:

As funções essenciais da inteligência consistem em compreender e inventar, em outras palavras, construir estruturas estruturando o real. E, de fato, é cada vez mais patente que estas duas funções são indissolúveis e que, para compreender um fenômeno ou um acontecimento, é preciso reconstruir as transformações de que elas são resultantes, e ainda que, para reconstituí-las, faz-se mister primeiramente elaborar uma estrutura de transformação, o que supõe uma parte de invenção ou de reinvenção. (PIAGET, 1970, p.35).

i Os estrangeirismos *printar*, *deletar*, *escanear*, *startar*, *atachar* são neologismos, por exemplo que se tornaram frequentes em nossa língua portuguesa, e que, conforme a explicitação de Piaget (1970), ela decorreu de um processo linguístico inteligente de “*compreender e inventar novas palavras, construir estruturas estruturando o real*”, ou seja, verbos estão sendo formados a partir de substantivos emprestados da Língua Inglesa, reestruturando assim, a nossa língua, de maneira a atender as necessidades dos seus usuários.

E por que nós, professores de Língua Inglesa, não deveríamos tratar sobre essas questões em nossas aulas se todo esse cenário não atinge somente a Língua Materna, como também se utiliza da Língua Inglesa como primordial fonte dessa análise linguística? Notadamente, ficou a cargo dos professores de Língua Materna (Língua Portuguesa) tratar desse tema, como se fosse exclusividade de apenas uma única área poder tratar e vir à frente de qualquer análise dessa questão.

Krashen (1987) afirma que a aquisição de uma segunda língua é o resultado que passa por uma assimilação natural, e que no convívio humano, de situações reais de interação em ambientes da língua-alvo e sua cultura, o aprendiz, como protagonista, desenvolve suas habilidades comunicativas¹(tradução minha).

Um bom exemplo dessa interação é o de pessoas que moram no exterior durante um determinado período, como em programas de intercâmbio cultural, por exemplo, que mostram ser possível atingir um bom grau de fluência na língua estrangeira, quase tão próximo ao da língua materna, porém, na maioria dos casos, sem muito conhecimento a respeito da gramática do idioma.

Se for necessário fazer com que nossos alunos participem, vivenciem, com outros falantes para aprender mais o inglês e melhor, encontramos o entrave de que obviamente, não temos como reproduzir situações 100% reais dessa interação em

¹Language acquisition is the product of real interactions between people in environments of the target language and culture, where the learner, as an active player, develops his communicative ability.

nossas salas de aula, já que estamos no Brasil com falantes de língua portuguesa, como língua materna. A referida imersão implicaria estar em um ambiente com total comunicação em língua inglesa, o que além de inviável é também impossível, pois nem as escolas de idiomas, com a melhor das tecnologias podem proporcionar um ambiente como em programas de intercâmbio cultural.

Em contrapartida, se notarmos o atual ambiente linguístico em que vivemos poderemos nos certificar de que estamos muito próximos de sermos participantes de situações de altíssima interação com o inglês no que se refere a linguagem escrita.

A figura 2 a seguir ilustra essa realidade:



Figura 2: Uso de inglês no cotidiano brasileiro².

Essa figura nos mostra uma cena bem peculiar dos grandes centros urbanos, onde a Língua estrangeira parece ser a L1, dada sua importância, sua hegemonia e suas multiplicadas funções.

A teoria de Krashen(1987), deseja comprovar que qualquer pessoa pode assimilar a linguagem do grupo social em que estiver participando, assim como o jovem adequa seu linguajar à faixa etária a qual pertence, ou o médico / advogado ao jargão correspondente à sua profissão.

Dessa maneira, podemos prever que quanto maior o número de palavras / expressões internalizadas e utilizadas na língua portuguesa, mais nossos alunos estarão se adaptando, aprendendo e utilizando o inglês como parte do seu dia a dia.

² Disponível em:

<http://lh5.ggpht.com/ronaldosalame/R2Hleuw5pAI/AAAAAAAAABJ8/50xlc8Lp160/estrangeirismos%5B3%5D>

Estamos imersos em ambientes cada vez mais “americanizados”, ou cada vez mais “ingleses”, seja em shoppings centers, supermercados, bares, revistarias e etc. Nós, como professores de língua deveríamos nos perguntar se esse fato pode trazer alguma vantagem nessa nossa área de conhecimento, e para nosso aluno.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio nos lembram que:

[...] a contribuição de uma aprendizagem de Línguas Estrangeiras, além de qualquer instrumentação linguística, está em estender o horizonte de comunicação do aprendiz para além de sua comunidade linguística restrita própria. (BRASIL, 2006 p. 92) (grifo meu).

Podemos então dizer que o uso das expressões inglesas no dia a dia dos nossos educandos, estudantes da escola pública, tem o poder de ampliar sua linguagem. Essa oferta faz com que eles se sintam inseridos, incluídos em diferentes contextos linguísticos, ora seja numa comunidade de falantes que tomam um *drink*, ora numa comunidade de falantes que saem para tomar uma bebida.

É muito importante que o aluno compreenda que pessoas pertencentes a grupos diferentes em contextos diferentes comunicam-se de formas variadas e em momentos históricos divergentes, e que participar e adaptar-se aos diversos contextos, configura condição necessária para exercer os diversos papéis sociais que são necessários ao exercício da cidadania. Logo, a compreensão efetiva do uso desses estrangeirismos nos diversas comunidades proporciona que o aluno adapte sua linguagem em ambientes diversos.

Conforme será enfatizado a seguir, o uso do conhecimento prévio do aluno é muito importante para o processo de ensino-aprendizagem.

1.2 O PAPEL DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS E DO CONHECIMENTO DE MUNDO NA COMPREENSÃO DOS ESTRANGEIRISMOS.

Uma premissa importante, que chega a ser até um jargão muito comum dentro da comunidade docente é a necessidade de trabalhar Língua Estrangeira e não apenas esse componente curricular, de acordo com as vivências do aluno, de que o professor deve valorizar os conhecimentos que o aluno traz, sejam esses acadêmicos (científicos) ou de senso comum.

Foi exatamente por essa razão que David Ausubel (1980), sintetizou toda a Teoria da Aprendizagem Significativa na célebre frase:

Se tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um só princípio, diria o seguinte: o fator isolado mais importante influenciando a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Descubra isso e ensine-o de acordo. (AUSUBEL, 1980, p.04).

Sabe-se de acordo com as novas teorias de aprendizagem, que o aluno não é uma tábula rasa. Demo (2000) nos explicita:

[...] não existe tábula rasa, analfabetismo absoluto; todos falam, se comunicam, usam um vocabulário básico, manejam conceitos dentro do senso comum, possuem referências da realidade em que estão inseridos, e assim por diante; este será o ponto de partida, se quisermos uma educação emancipadora. (DEMO 2000, p.32).

Desde sua mais tenra idade, nossos alunos carregam em si experiências de vida ora chamadas “background”, “conhecimentos prévios” ou “conhecimento de mundo”.

A quantidade e o tipo desses conhecimentos que fazem parte de sua bagagem cultural e linguística são infindáveis e incontáveis. No entanto, é notório o quanto as aulas de inglês não os têm contemplado, chegando a negligenciar uma fatia importante do conhecimento que o aluno traz consigo que são os estrangeirismos. Tão amplamente vistos, lidos e conhecidos pelos nossos alunos, podem ser fonte riquíssima, e certamente de grande valor para o ponto de partida para ativação dos conhecimentos prévios.

Vários estudiosos buscaram entender as influências dessas concepções na aprendizagem, para podermos buscar neles o ponto de partida para a sistematização dos conteúdos.

Sob esse aspecto, CRESPO e POZO(1998) definem:

Conhecimentos prévios são construções pessoais dos alunos, elaboradas de forma espontânea na sua interação cotidiana com o mundo que os cerca. São incoerentes do ponto de vista científico, embora não tenham por que sê-lo do ponto de vista do aluno; na verdade, costumam ter bastante poder de predição em relação aos fenômenos cotidianos. São, geralmente, estáveis e resistentes à mudança; persistem, apesar da instrução científica. (CRESPO; POZO 1998, p.88).

A partir dessas definições, podemos notar o quanto o aluno vê distância entre “o seu mundo”, o do dia a dia e o mundo das ideias da Escola (conhecimento

sistêmico). Esse é um problema sério que pode culminar no desinteresse, na desmotivação e até mesmo na evasão do aluno da escola.

Todos os alunos têm sua própria maneira de entender, e também uma maneira particular de construir significados no mundo social que os cerca.

Observemos que os autores citaram que mesmo quando o aluno adquire o conhecimento científico dos fenômenos, ainda assim seu conhecimento prévio, seu ponto de vista não muda, apenas se transforma, como se agregasse um conhecimento novo àquele que já possui.

Quanto a essa questão, os PCN nos evidenciam claramente sobre como os conhecimentos prévios têm influência na nossa especificidade: o ensino de Língua Estrangeira:

[...] para o aluno de Língua Estrangeira, ausência de conhecimento de mundo pode apresentar grande dificuldade no engajamento discursivo, principalmente se não dominar o conhecimento sistêmico na interação oral ou escrita na qual estiver envolvido [...] Por outro lado, essa dificuldade será diminuída se o assunto já for do conhecimento do aluno [...] Em língua Estrangeira, o problema do conhecimento de mundo referente ao assunto de que se fale ou sobre o qual se leia ou escreva, pode também ser complicado caso seja culturalmente distante do aluno. (BRASIL, 1999, p.30).

Segundo Munhoz (2004), há de se conscientizar o leitor das estratégias de leitura que ele inconscientemente já utiliza na leitura de um texto, levando-o a perceber que não é preciso conhecer todas as palavras de um texto para entender seu significado.

Estratégias são utilizadas para que os alunos desenvolvam as competências necessárias para lerem adequadamente, podendo assim, também usá-las para compreenderem melhor os estrangeirismos que lhes rodeiam, e promovendo uma aprendizagem mais real, próxima e significativa.

Ellis (2001 p.529), em uma definição bastante sintética, diz que estratégias são atividades mentais ou comportamentos relacionados a um momento específico no processo geral de aquisição ou de uso de uma língua.

A British Broadcasting Corporation "Corporação Britânica de Radiodifusão", mais conhecida pelo acrônimo **BBC**, é uma [emissora](#) pública de [rádio](#) e [televisão](#) do [Reino Unido](#) fundada em [1922](#).

Essa corporação, que possui ótima reputação mundial com o objetivo essencialmente pedagógico, lançou, numa seção chamada: "Teaching English", uma

série de quatro artigos chamados: “Theories of Reading”, nesses artigos são discutidos diversos conceitos sobre as Teorias de Leitura em Língua Inglesa.

O artigo de número 2 traz uma sequência de diversas estratégias de Leitura, divididas em três momentos: Dicas de Pré-Leitura, Dicas durante a Leitura e Dicas Pós-Leitura³. A integração dos conhecimentos prévios encaixa-se nas dicas durante a leitura. Porém, o artigo deixa claro que é necessário integrar o conhecimento prévio, pois, “os esquemas que foram ativados na seção de pré-leitura devem ser considerados a fim de facilitar a compreensão”,⁴ enfatizando que a ativação dos conhecimentos prévios é uma estratégia muito importante tanto na pré-leitura, quanto ativados durante a própria leitura.

É imprescindível que o professor crie oportunidades de ensino-aprendizagem nas quais os alunos possam usar a língua de forma mais livre, arriscando-se a formular hipóteses e apoiando-se em seus conhecimentos prévios, como também possam aprender a refletir mais sobre a língua nos mais diversos tipos de atividades.

Na seção a seguir, são definidos os estrangeirismos e apresentada a polêmica gerada sobre o seu uso no Brasil.

1.3 ESTRANGEIRISMOS: DEFINIÇÃO E POLÊMICA QUANTO AO USO.

Segundo Faraco (2001 p.15) “Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas”.

A Língua Portuguesa se apropria de palavras de muitos idiomas, porém, neste trabalho, o estudo será especificado aos anglicismos, ou seja, palavras de origem inglesa.

A L2 é aqui nosso objeto de estudo, pois, segundo Samarin (in Conrad e Fishman, 1977, p.6), o inglês já possui muitos dos requisitos para ser uma verdadeira

³ *Pre-reading tips; During-reading tips; After-reading tips.*

⁴ *Integrating prior knowledge: The schemata that have been activated in the pre-reading section should be called upon to facilitate comprehension”.*

língua franca, pois já é a língua da diplomacia, da aviação e das transmissões radiofônicas, além de ser a segunda língua de tantos ou mais falantes do que nativos. O último motivo vem obviamente justificar o fato de ser o idioma inglês ensinado nas escolas públicas brasileiras.

O fenômeno de inserção de palavras de origem inglesa não é raro, muito menos recente, mas o que culminou numa explosão de comentários, discussões e argumentos contrários e a favor foi o projeto de lei nº 1676 de 1999 (ANEXO A) do então Deputado Aldo Rebelo que objetivou legislar a favor da “promoção, proteção, e defesa e o uso da língua portuguesa”. Esse projeto de lei obrigaria o uso exclusivo da língua portuguesa no ensino, no trabalho, nas relações jurídicas, nos meios de comunicação de massa e na publicidade em geral (bens, produtos e serviços), passível de multa aos que não atendessem às especificações nele contidas, estendendo-se até a expressão oral, além da escrita, audiovisual e eletrônica.

Em contrapartida linguistas que discordam radicalmente dessa posição produziram um requerimento (ANEXO C), contra-argumentando e justificando sua não concordância na tramitação desse projeto. Muitos foram os autores que produziram essas justificativas apresentando suas opiniões para que esse Projeto de Lei não fosse efetivamente posto em prática. Por exemplo, Marcos Bagno escreve um artigo intitulado “O deputado e a língua” publicado no Jornal de Brasília em 9 de janeiro de 2000:

O uso da língua não precisa de legislação. A língua é um sistema autorregulador, ela mesma dá conta de suas necessidades. Ela mesma acolhe o que tem serventia e descarta o que é dispensável. E ela é assim porque é falada por seres humanos que querem se fazer entender, interagir, comunicar-se uns com os outros. A língua não precisa ser "defendida", muito menos defendida de seus próprios falantes, que são seus legítimos usuários e devem ter a liberdade de fazer dela o que bem quiserem. Os males da globalização são outros. O uso de termos estrangeiros é uma mera consequência, a mais inofensiva delas. Há coisas muito mais urgentes sobre as quais legislar, problemas sociais e econômicos muitíssimo mais graves sobre os quais fazer incidir a força da lei. Quem precisa ser defendido é o professor de português, humilhado continuamente com salários obscenos. Mas a língua... vamos deixar ela solta, *ok?* (BAGNO, 2000).

Schmitz (2000) utiliza as próprias palavras de Aldo Rebelo a favor da promoção, proteção, e defesa e o uso da língua portuguesa, para levantar questionamentos muito pertinentes sobre a lei:

Deixando de lado questões a respeito da constitucionalidade e, se for aprovada pelas duas Câmaras, da viabilidade de implementação e cumprimento legal da proposta, cabe perguntar o porquê do interesse em

proteger o idioma nacional. Quem são os "inimigos" dos quais a língua portuguesa precisa ser defendida? Os próprios usuários? Os estudantes nas escolas? Os meios televisivos e a imprensa? Os dicionários de língua portuguesa?...Obviamente ninguém é inimigo nesses casos. A língua nacional não corre perigo. (SCHMITZ, 2000 p.1).

É compreensível que haja tanta preocupação com a invasão do inglês e a provável e conseqüente destruição da Língua Materna. Segundo Moita Lopes (2005), há muita apreensão sobre o assunto em vários países, tais como França, Espanha, Japão e também no Brasil. Em anúncios, na França, palavras em inglês têm que ser obrigatoriamente traduzidas; na Espanha e na França os membros da Academia de Letras já têm preocupações bem conhecidas com a preservação de seus idiomas, no caso, o espanhol e do francês. No Japão não há nenhuma lei semelhante, porém, são frequentes comentários sobre esse uso; em documentos oficiais no Japão, o inglês é utilizado, mas com grande preocupação por parte do governo que deseja manter o ensino dessa língua como matéria-chave na escola.

Entre essas duas vertentes, na verdade é extremamente necessário que o professor posicione-se sobre esse fato, conhecendo a situação e o momento histórico no qual estamos inseridos, pois o fato do professor ser "a favor" ou "contra" o uso desses estrangeirismos, determinará certamente que tipo de importância ele dará a esse tema, constituindo assim possíveis discussões sobre o mesmo tema nas salas de aulas da escola pública em que leciona.

Por isso é grande a importância desse estudo, o que será melhor detalhado no capítulo que fala sobre o papel político do professor de línguas.

O fato é que o inglês já está instalado, comentado e sendo mais utilizado do que nunca, principalmente entre a faixa etária com a qual trabalhamos no Ensino Fundamental II e Médio (dos 10 aos 17 anos), nos vídeo games, nos shoppings ou comércios de rua.

No geral, restringimo-nos a avaliar o quanto o aluno sabe do que foi ensinado na escola, sem levar em conta que fora da sala de aula há inúmeras situações de aprendizagem da língua inglesa. Um aluno aparentemente apático nas aulas - e com desempenho em provas considerado não satisfatório - pode participar de uma comunidade virtual em que seus membros disputem partidas de um jogo de dramatização (*RPG - Role Playing Game*) em inglês, e ser um participante de bastante sucesso.

Outro aluno pode ter grande interesse por um determinado gênero musical e passar horas de seu dia ouvindo músicas, muitas delas em inglês.

Um outro caso pode ser o de um garoto que comumente assiste a filmes, seriados em inglês, procurando sempre ouvir atentamente palavras ou expressões que possam lhe acrescentar algo novo sobre o idioma.

Por isso, se faz necessário propiciar aos alunos sua possível integração ao mundo globalizado fazendo uso da comunicação real e mais próxima do cotidiano, objetivando que o professor possa intervir de maneira positiva nas aulas de Língua Estrangeira Moderna quando for questionado sobre o uso desses anglicismos, já que faz parte inerente do seu dia-a-dia.

Dentro da atual conjuntura, é pertinente que não somente os professores de L1 trabalhem o assunto voltado aos estrangeirismos, tema que acabou por se tornar quase que restrito às aulas de Língua Portuguesa. É necessário também que os professores de L2 se apropriem da preocupação com esse tipo de aspecto, não permanecendo alheios à *nova ordem mundial*.

É por essa razão que ao nos deparar com os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN-LE (1999 p.49-63) relacionados ao ensino de LEM, notamos o quanto é necessário que nossos aprendizes tenham o direito de conhecer e apropriar-se da língua inglesa, não pautada apenas “no estudo de formas gramaticais, na memorização de regras e na prioridade da língua escrita e, em geral, tudo isso de forma descontextualizada e desvinculada da realidade.”, mas de maneira a engajá-los nesse discurso, para que os aprendizes, ávidos por utilizar esses termos, sejam os maiores beneficiados na construção real de suas significações.

Ainda aliado aos PCN – LE (1999) é que desejo expor o meu desejo de que nossos aprendizes tenham o direito de conhecer um idioma estrangeiro objetivando a comunicação real, pois, dessa forma, os diferentes elementos que a compõem estarão presentes, dando amplitude e sentido a essa aprendizagem, ao mesmo tempo em que os estereótipos e os preconceitos deixarão de ter lugar e, portanto, de figurar nas aulas.

Entender o uso desses estrangeirismos, suas influências e suas mutações oferece tanto esse engajamento, quanto a amplitude e sentido desejáveis ao aprendizado como citou o próprio documento.

Um dos objetivos é também oferecer subsídios aos professores para o bom uso dos estrangeirismos nas aulas de LEM, pois o entendimento desse fenômeno tão contemporâneo é de grande valia para que se desperte o interesse dos alunos para o uso desses termos em inglês, tão comuns à rotina deles e tão necessários ao mundo do trabalho.

Finalizando este capítulo que tratou de além de definir, dar também a devida importância ao conhecimento prévio que todo e qualquer ser humano carrega consigo independente de seu grau de instrução e/ou escolarização, evidencia-se como os conhecimentos prévios podem e devem ser valorizados e lembrados nas aulas de Inglês, uma vez que o nosso aluno está submerso num ambiente totalmente cheio de letreiros, computadores, comércios escritos em inglês.

O próximo capítulo pontua o papel político do professor de Língua, bem como algumas inadequações que devem ser evitadas ao se trabalhar com os estrangeirismos.

2. O PAPEL DO PROFESSOR DE LÍNGUAS

Este capítulo que reforça a importância do papel do professor de línguas está subdividido em três partes. Na primeira, são tratadas as questões que fazem o inglês uma Língua de grande hegemonia mundial. Na segunda é apresentado o papel político como característica primordial do perfil do professor de Língua Estrangeira e na terceira, destaca-se como o professor deve vencer a postura de isolamento político, que prejudica e interfere diretamente em suas aulas de Inglês.

2.1 HEGEMONEIDADE DO INGLÊS

Moita Lopes (2000) em seu artigo intitulado: *“Yes, nós temos bananas” ou “Paraíba não é Chicago não” - Um estudo sobre a alienação e o Ensino de Inglês como Língua Estrangeira no Brasil*, faz uma breve análise do contexto sócio histórico da nossa colonização, que explicaria a atitude exageradamente positiva e de embelezamento de professores e alunos de inglês de quase adoração pela cultura de Língua Inglesa.

Um estudo com professores de inglês publicado nesse artigo mostra o quanto os docentes acham importante ensinar a cultura de países de origem inglesa, exatamente como quando na ocasião da colonização, os europeus ensinavam sua cultura, a fim de dominar e explorar as sociedades indígenas.

São apresentadas nesse mesmo artigo várias perguntas cujas respostas mostram uma atitude extremamente positiva por parte dos profissionais em relação à cultura de Língua Estrangeira e negativa em relação à sua própria cultura, totalmente calcada em cima de estereótipos, demonstrando clara glorificação da língua, da cultura e do idioma inglês. Uma das perguntas feitas aos professores brasileiros de língua inglesa era sobre os adjetivos que simbolizariam melhor as características de pessoas brasileiras versus pessoas inglesas.

O resultado mostrou que quanto aos adjetivos honesto, sério, educado, trabalhador, realista, formal e disciplinado, foi altíssimo o percentual de professores

que responderam serem características que descrevem melhor o comportamento dos povos ingleses.

Porém, quanto às qualificações dirigidas ao povo brasileiro, os professores demonstraram mais preferência às palavras como desonesto, brincalhão, mal-educado, preguiçoso, romântico, informal e indisciplinado.

Esse fato parece ser uma justificativa que ajuda a compreender, por exemplo, a razão pela qual esse mundo em que vivemos pareça cada vez mais **mcdonaldizado**, **hollywoodizado**, **cocacolizado**, **pizzahutizado**, **microsoftizado**, **walmartizado**, **cnnizado** e etc.⁵

Há de se deixar claro que o ensino da cultura estrangeira não é só de grande valia, como também necessário, uma vez que é impossível uma pessoa ser bilíngue sem se tornar bicultural. No entanto o ensino de cultura deve ser feito de maneira explicitamente integrada ao ensino, de modo a não passar para os alunos conceitos estereotipados da cultura que está sendo transmitida.

Desse modo o ensino de inglês deveria ser ensinado levando em conta os termos da realidade brasileira, para envolver os alunos atendendo ao interesse e à realidade da maior parte dos alunos.

Por isso, o ensino de uma língua está intimamente relacionado à dimensão cultural e social dos usos da linguagem; não se trata de ensinar apenas sobre a cultura de uma língua, mas perceber, nos usos dessas linguagens, como as pessoas expressam diferentes visões de mundo.

É muito importante que ao trabalhar o uso dos estrangeirismos, se faça um trabalho com os alunos também voltado à análise, inferência, associação, relações, comparações, promovendo uma reflexão do sentido de que esses vocábulos possuem na nossa realidade brasileira, evitando o enaltecimento exacerbado do termo em inglês e não valorizar a identidade cultural apenas do inglês, e sim proporcionar uma análise, que possa se refletir na associação dentro do contexto em que o aluno vivencia, compreendendo melhor os aspectos do entorno de sua vida real, promovendo mudança em suas próprias realidades cooperando com sua transformação. Trata-se pois, de promover um ensino voltado a consciência crítica dos fatos que ele vivencia.

⁵ Expressões de neologismo criadas por Moita Lopes na ocasião da escrita do artigo: Inglês no Mundo Contemporâneo: Ampliando Oportunidades Sociais por Meio da Educação(2005)-(negrito do autor).

Moita Lopes (2000 p.42) ainda nesse artigo cita “que o alvo central deva ser a preservação da identidade cultural brasileira do aluno, ou seja, uma exigência de se pensar a Língua Estrangeira de um ponto de vista que reflita os interesses do Brasil”.

Por essa razão segundo Leffa (2001), a solução para evitar esse equívoco seria trabalhar um “inglês multinacional”.

Quando se trata de uma língua multinacional, como o inglês na atualidade, sem uma identidade nacional definida, precisa-se de um novo paradigma de ensino de línguas. Quando se ensina uma língua multinacional como o inglês, onde os falantes nativos são uma minoria, ensina-se uma língua franca, usada como meio de comunicação entre povos diferentes e culturas diferentes. Pode-se, por opção, associar esse ensino a uma determinada cultura, mas não necessariamente dos Estados Unidos ou da Inglaterra; pode ser até a cultura do país onde a língua é ensinada (e.g. o ensino do inglês explorando aspectos da cultura brasileira, o que já tem sido uma prática frequente em muitos livros didáticos produzidos no Brasil). (LEFFA, 2001 p.17)

Da mesma forma cabe ao professor de L2 ao trabalhar os estrangeirismos, evitar demonstrar preferência ou possível engrandecimento do estilo de vida, cultura e modismos das culturas americanas ou inglesas, promovendo uma compreensão do significado do termo estrangeiro à nossa realidade, ao nosso estilo, e procurando compreender a cultura do outro para dar margem à reflexão de suas atitudes dentro da sua própria cultura.

Trago a seguir um exemplo de texto possível de acontecer nas aulas de inglês em que se possam trabalhar os estrangeirismos na área de comércio. Além de ressaltar uma ou outra frase que exemplifique o quanto o inglês invadiu nosso dia a dia, para evitar equívocos, seria interessante que o professor trabalhasse o aspecto cultural americano que, tem influenciado também os nossos hábitos.

Em um fim de semana tipicamente paulistano, algumas pessoas costumam passear em um *Shopping Center*, lancham em um *fast food* ou almoçam em um *self service* na praça de alimentação. Aproveitam para dar uma olhada nas vitrines onde veem um cartaz de 50% off, aproveitam para comprar um *jeans*, que acham *super fashion*, mas que deve ter uma cor bem *light* para combinar com o *Nike* que foi comprado na semana passada, sem esquecer de fazer aquele *coffee break*, antes de sair.

Entretanto, quando não têm muito tempo, passam de carro em um *drive thru* e simplesmente, comem um *hamburger* com *milk shake*, para dar uma olhada nas vitrines onde veem um cartaz de: 50% off, aproveitam para comprar um *jeans*, que acham *super fashion*, mas que deve ter uma cor bem *light* para combinar com o *Nike*, que foi comprado na semana passada, sem esquecer de fazer aquele *coffee break* antes de sair.

Esse é só um exemplo de texto em língua portuguesa com diversos estrangeirismos, e que mostra o quanto a aprendizagem de inglês incluindo esses anglicismos é importante, visto que a penetração dessas palavras é massiva e nossos alunos as utilizam com determinada frequência.

2.2 O PAPEL POLÍTICO DO PROFESSOR DE INGLÊS

Para o trabalho com uma temática como essa, os aspectos linguísticos são necessários, mas há de se aprofundar também nas questões culturais inerentes a esse estilo de vida.

Dessa maneira, é imprescindível que o professor perpasse pelos aspectos linguísticos. Porém, é necessário que o trabalho não se encerre única e exclusivamente na estrutura gramatical do idioma, e sim, que o professor também aproveite para utilizar determinadas tradições americanas e/ou inglesas e a partir delas, possa ajudar os alunos a entenderem como que essa análise pode contribuir para a consciência de desconstruir mitos, e / ou valores enraizados equivocados.

Ainda no exemplo do texto anteriormente exposto, podemos pensar o quanto a simples atitude aparentemente corriqueira de entrar em um shopping, (consciente de que não precisa comprar nada e ainda assim acabar comprando algo que se desejou ali, naquele momento), para almoçar, talvez ir ao cinema e sair com algumas sacolas, tem importância na realidade social em que vivemos.

Talvez não saibamos, mas estamos tentando alcançar o ideal de viver e realizar o sonho americano, que tem como principal característica o consumismo, e a aquisição de bens, importando muito mais o “ter” que o “ser”. Essa é uma das opções temáticas, incluindo todos os demais temas transversais, que não deve ser negligenciada ao trabalhar os estrangeirismos e a cultura dos países de origem desse idioma.

É de grande valia que se realize uma análise sobre quais aspectos políticos estão por trás desse estilo de vida, de compreender o desejo de algumas pessoas de quase quererem “morar” em shoppings, de seguirem sempre as últimas tendências de moda ou de nunca saberem ou quererem preparar seu próprio alimento, recorrendo sempre a *fast foods* ou ao sistema *delivery*, impactando nosso modo de viver,

desejando inconscientemente um modo de vida americano, sem saber que nele também há dificuldades, assim como aqui no Brasil.

Segundo os PCN (1999) precisamos, como professores de língua que somos atentar para esse detalhe quanto ao ensino-aprendizagem de línguas, e ao nos referirmos à Língua Inglesa como uma Língua Estrangeira hegemônica, lembrar sempre sobre as questões como poder e desigualdade são centrais no ensino - aprendizagem de línguas, no que se refere à situação de dominação do inglês como idioma, e colocando nosso aprendiz em posição de refletir sobre os aspectos que envolvem esse aprendizado, evitando copiar modelos prontos, principalmente se esses modelos não estão corretos ou não fazem bem sob algum aspecto.

Quanto à isso os PCN concluem:

[...] Há de se evitar teorias totalizantes de reprodução social e cultural (por exemplo, visões de uma sociedade consumista global veiculadas por uma língua hegemônica como o inglês) para se chegar a um paradigma crítico que reconheça o papel do ser humano na transformação da vida social [...] Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de Língua Estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. (BRASIL, 1999, p.39 - 40.)

Não devemos, pois, perder a oportunidade de intervir, dentro das aulas de inglês, trabalhando textos dentro de várias temáticas, tais como os temas transversais, que em geral, são ótimas alternativas, fios condutores de ampliação do repertório, mas que também podem promover reflexão, construção de posturas cidadãs e autônomas.

Por exemplo, para o trabalho sobre o tema consumismo apontado em folhas anteriores, poderiam ser apresentadas como sugestões, as seguintes atividades:

- a) estatísticas de endividados;
- b) matérias sobre os prejuízos da má organização financeira proveniente do gasto desenfreado com compras supérfluas;
- c) leitura de gráficos com esses índices;
- d) textos que falem sobre as doenças causadas pela má alimentação proveniente de *fast foods*;
- e) matérias sobre o curto tempo de vida útil dos aparelhos eletro eletrônicos e do quanto seus preços descem vertiginosamente a partir de mais um novo lançamento;

- f) textos que falem da mão-de-obra quase escrava que paga centavos a funcionários que costuram e produzem os tênis desejados pelos jovens a altíssimos preços, e o pior, sem refletir a individualidade e o gosto de cada um, comprar pelo único motivo de ser o “da moda” e por ter um preço elevado representa também o status que se espera dele, e muitas outras alternativas.

Assim nosso aluno poderá compreender a cultura do outro, e compará-la com a sua própria, posicionando-se de maneira diferente e consciente em seu contexto, compreendendo e modificando sua realidade local e suas posturas, mediante uma atitude mais crítica e cidadã sobre outros diferentes aspectos.

Portanto, apenas estudar e compreender a cultura do outro, no caso, a norte-americana ou inglesa, não agrega a oportunidade de refletir para mudar sua própria realidade.

O objetivo é apenas um exemplo de ações afirmativas possíveis, um conjunto de medidas para ensinar a Língua Estrangeira como ponto de partida para a conscientização de seu próprio papel no mundo, sem produzir viés para criticar o estilo de vida, a cultura e o modo de viver do outro, e sim, para construir uma identidade verdadeiramente brasileira, tendo como base o seu próprio modo de viver, sem influência de hierarquização de culturas.

2.3 A POSTURA DE ISOLAMENTO POLÍTICO DO PROFESSOR.

Outra questão fundamental que precisa ser ponderada aqui sobre o papel político do professor refere-se, ao meu incômodo já citado na introdução deste trabalho, em perceber o professor com uma postura que chega a omissão e negligência em tratar desse assunto nas aulas de LE, como se fosse permitido e exclusivo apenas aos professores de Língua Materna.

Grande parte dessa displicência é explicada por Rajagopalan em seu livro “A linguística que nos faz falhar – Uma investigação crítica”, que ele mesmo chama de livro polêmica, pelo motivo de nele ter conseguido reunir vinte e seis artigos nos quais propõe uma avaliação radicalmente política da resistência dos falantes aos estrangeirismos.

O referido livro surgiu quando em 2002, Kanavillil Rajagopalan publicou em inglês na revista holandesa: “Journal of Language and Politics” um artigo intitulado: “Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a Linguística que nos deixou na mão – observando mais de perto o chauvinismo linguístico emergente no Brasil”⁶. Para evitar que o tema alcançasse pouca gente no Brasil, a ideia foi promover um debate com os vinte e seis autores, e publicar esse debate em forma de livro. Na reunião desses artigos não publicou somente os que favoreciam sua opinião, mas também muitos que se demonstraram contrários, entre eles o próprio Aldo Rebelo.

Rajan (2004 p. 29) comenta que os próprios linguistas conseguem de uma maneira quase inconsciente, fazer com que toda a população comum se sinta “alguém que não entende de língua”, criando um isolamento político perigoso para a discussão sobre o tema.

Ele cita como exemplo o requerimento dos linguistas (ANEXO C) enviado a câmara, “que foi escrito e corrigido tantas vezes apenas com o objetivo de tornar a linguagem estilística e teoricamente elegante, com pouca atenção para o conteúdo da lei” (p. 26 - 27).

Isso implica em pessoas cada vez mais receosas em comentar, participar desse debate político sobre os estrangeirismos na língua portuguesa.

Para melhor elucidação, o autor cita outro exemplo, no qual detalha uma situação em que uma grande linguista brasileira, Miriam Lemle responde a uma dúvida de um membro da platéia numa conferência na Academia Brasileira de Letras.

Rajan cita que Lemle está se dirigindo a seu público exatamente da mesma maneira que faria se estivesse falando a seus alunos de pós-graduação (2004 p.28).

Essa postura cria um distanciamento mais que suficiente para que a discussão sobre o tema chegue rapidamente a um fim, promovendo sempre o linguista como o ganhador:

A mensagem que muitas vezes chega ao público é elitista e parece conter um subtexto que diz: “Olhem aqui, vocês estão brincando com fogo quando fazem julgamentos apressados em assuntos linguísticos. Deixem esses assuntos conosco – os únicos especialistas genuínos”. (LOPES, RAJAGOPALAN, 2004 p.29)

⁶ National Language as Flags of Allegiance; or the Linguistics that failed us: A close look at Emergent Linguistic Chauvinism in Brazil. (tradução do autor)

Tal reflexão parece ser uma razão bastante plausível para explicar a aparente negligência, omissão ou até mesmo displicência em tratar dos assuntos estrangeirismos nas aulas de Inglês.

Achar que esse assunto deve ser trabalhado apenas pelos professores de Língua Portuguesa parece ser uma maneira de preservar-se de cometer erros, pois, não falar do tema, parece ser uma alternativa e não gerar embate, nem discussão, sem posicionamento, quando deveríamos fazer o oposto, problematizar essa questão e trazê-la para a sala de aula o que parece ser uma possibilidade com vantagens muito maiores.

Por isso, para que os professores de LE sintam-se preparados e seguros para abordarem assuntos de cunho político como esse Leffa (2001- p.17-22) evidencia que a formação de um professor de línguas estrangeiras deva ser competente, crítica e comprometida com a educação, o que ele mesmo acrescenta ser uma tarefa extremamente complexa, tratando-se da graduação, mas que pelo menos o professor seja suficientemente crítico para perceber as relações de poder que se estabelecem entre falantes e saiba definir o lugar do aluno nesses eventos comunicativos, não apenas como receptor, mas também como produtor de informação.

Dessa maneira precisamos nos ater à necessidade emergente dessa melhoria na formação do professor, uma vez que ele será o mediador para que mudanças sociais e políticas ocorram já que somos seres políticos que, queiramos ou não, somos afetados por escolhas políticas. Inevitavelmente transmitimos valores aos nossos alunos, não apenas pelo que fazemos ou falamos, mas também pelo que somos, mas principalmente pelo que nossos alunos veem em nossas posturas políticas.

Após tratar neste capítulo do papel político do professor de línguas, da hegemonia do inglês e do isolamento político do docente que deve ser evitado, apresento no próximo capítulo a Metodologia da Pesquisa que traz detalhes do caminho percorrido no desenvolvimento deste trabalho. Evidencia o questionário utilizado que permitiu compreender mais sobre a vontade / necessidade dos alunos em relação ao contato com o assunto Estrangeirismos dentro das aulas de Inglês.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, são apresentadas quatro seções. Na primeira, é feita uma minuciosa explicação sobre o contexto sócio-político-histórico da comunidade em torno da região da escola em que foi realizado este estudo.

Na seção subsequente, são apresentados os participantes da pesquisa, bem como as justificativas da escolha da turma focal que colaborou na realização deste trabalho.

Na terceira seção, há os procedimentos para a coleta e análise dos dados com detalhamento do questionário escolhido como instrumento para a coleta de dados, que serviu de orientação para este professor-pesquisador em direção à busca de solução de problemas e mudanças expressivas em sua prática pedagógica especificamente dentro da área estudada. Logo, não se pretende apenas quantificar dados coletados, mas interpretá-los de modo a refletir quanto à eficácia dos mesmos.

A quarta e última seção procura esclarecer a relação dos objetivos previamente definidos com cada pergunta e o que se pretende atingir com as respostas obtidas.

Torna-se necessário destacar que este trabalho também atendeu todas as especificações do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme comprovante de Envio do Projeto (ANEXO E).

3.1 CONTEXTO DE PESQUISA - A COMUNIDADE E A ESCOLA

A escola que foi contexto de estudo desta monografia é da rede estadual de Ensino e está localizada em um bairro da Zona Sul de São Paulo, próximo à estação Capão Redondo, linha lilás do Metrô. Esse subdistrito que faz parte da Subprefeitura do Campo Limpo tem uma área de 13,60 Km², e o número de habitantes desta comunidade está em torno de 268.729 pessoas (SÃO PAULO, 2012).

Os moradores são das classes econômicas C e D. Vivem nessa área considerada essencialmente residencial, com bastante oferta de comércios populares, boa infraestrutura nos sistemas de água, esgoto, energia elétrica, coleta de lixo e vasta opção de transportes, dada a quantidade de moradores da região.

A principal característica dessa comunidade é fazer parte de um conjunto de Companhias Habitacionais (COHAB) chamado COHAB Adventista. Essa religião

também é a predominante na comunidade. Por essa razão as atividades aos sábados como reunião de pais, festa junina, reuniões de conselho de escola, não são bem aceitas por grande parte da comunidade.

Há cerca de 40 anos se desenvolveu a Comunidade Adventista, que engloba além de igrejas, os colégios católicos São Luiz de Gonzaga, São Vicente de Paula e Santa Isabél; os privados Perspectiva, Prisma, Morumbi Sul, Seiva, Colégio Elias Maas e o Externato Elvira Ramos, e também a UNASP que é uma universidade.

O Bairro possui a “Casa do Zezinho”, uma ONG (Organização Não Governamental sem fins lucrativos) que atende crianças carentes com atividades educativas, de esporte, arte, lazer e música.

Essa escola é apelidada na região como “Latão da COHAB”, pois foi construída de material de contêineres de [zinco](#), que são placas metálicas de [folha-de-flandres](#). Embora já tenha sido reformada para substituição das estruturas externas de zinco por alvenaria, todas as estruturas internas, divisões de salas, e escadarias continuam com o mesmo material, permanecendo ainda em seu interior um grande desconforto térmico, pois, a escola é um verdadeiro “forno” durante o verão e “congela” durante o inverno. Além disso, o ruído do metal e as dificuldades de isolar os sons exteriores tornam esse tipo de construção inviável para um ambiente educativo. Porém, há nove anos essas condições são as mesmas.

A região entrou em crescente valorização imobiliária quando diversas melhorias passaram a acontecer, destacando-se entre elas: a operação da Linha Lilás 5 (cinco) do Metrô que foi inaugurada, junto com o Terminal de ônibus Capelinha e Terminal de ônibus Campo Limpo; também iniciou o funcionamento do Shopping Campo Limpo, além da inauguração do CEU Feitiço da Vila e CEU Capão Redondo. Um evento tornou pública a região, que foi o jogador de futebol “Cafu”, Marcos Evangelista de Moraes, quando na ocasião de capitão da Seleção Brasileira, homenageou o Jardim Irene na conquista do Pentacampeonato da Copa do Mundo de Futebol, e a partir de então instaura e mantém a Fundação Cafu, nas redondezas.

A escola possui em torno de 1.500 alunos matriculados em três períodos, com quatorze salas de funcionamento, dirigida por uma diretora não efetiva, apenas designada ao cargo de direção e mais dois vice-diretores, que iniciaram em 2012.

A gestão da escola também é composta por duas coordenadoras pedagógicas, uma responsável pelo Ensino Fundamental II (vespertino) e outra responsável pelo Ensino Médio (diurno e noturno). O corpo docente da escola possui cerca de 1/3 de seus professores efetivos, sendo os demais contratados e/ou temporários.

A diretora, que está na escola desde 2007, tem concentrado esforços para mantê-la limpa, com vidros nas janelas, sem pichações e realizando frequentes reformas nos banheiros e consertos em mesas e cadeiras devido às constantes depredações.

3.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA - A TURMA FOCAL

Todos os alunos envolvidos na pesquisa moram na região, nos próprios apartamentos da COHAB. São raros os casos de alunos que precisam de condução / transporte para chegar até a escola. Interessante em relação a isso é o fato de terem me informado que saem de casa ao tocar do primeiro sinal às 07h00min da manhã, pois chegam a tempo, antes do segundo sinal anunciar o início da aula às 07h10min.

Realizei a pesquisa com dez alunos (quatro meninos e seis meninas) de duas salas: 2º ano A e 2º ano B do Ensino Médio – período matutino. Meu projeto inicial era realizar essa pesquisa com vinte alunos. Porém, ao marcar uma data para encontrar esses alunos nas mesas do refeitório da escola, seis dos vinte convidados não compareceram. Dos quatorze que preencheram o questionário, infelizmente não pude utilizar nem mencionar dados de dois alunos que apesar de terem respondido a pesquisa, não me devolveram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que, conforme orientações do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, deveria conter as respectivas assinaturas dos alunos pesquisados e as de seus responsáveis pelo fato de serem ainda menores de idade.

Sendo assim, restaram-me apenas doze questionários respondidos, dos quais dois decidi excluir aleatoriamente, para trabalhar com um número arredondado e dessa maneira poder criar gráficos melhor visualizáveis, evitando números com vírgula.

A maioria desses 10 alunos, com os quais desenvolvi esta pesquisa, já está matriculado na escola desde a 5ª série/6º ano do Ensino Fundamental. Optei pelas turmas já mencionadas, pois já os conhecia desde o ano de 2009 e vi grande potencial nessas classes. São consideradas atualmente como as melhores da escola. Em uma dessas salas estão matriculados o filho da coordenadora pedagógica do Ensino Médio e o filho de uma das vice-diretoras. Além disso, quando mencionei para a classe a

pesquisa que faria, esses próprios alunos demonstraram maior interesse em querer participar deste estudo, sendo frequentemente muito participativos nas aulas.

A fase da carreira estudantil dos alunos (2º ano do Ensino Médio) também foi preponderante na decisão por essas salas, por representar uma fase quase no final do processo educativo da Educação Básica. Caso escolhesse as séries representativas do Ensino Fundamental II (5º a 8 séries/ 6º ao 9º anos), poderia cair no erro de afirmar que os alunos não estudaram os estrangeirismos nas aulas de inglês, já que esse tema poderia ter sido planejado para ser visto/trabalhado/abordado nas séries do Ensino Médio.

Um dos motivos principais para a escolha dessas salas foi também o fato de no período da realização da pesquisa, ser esta pesquisadora a professora de Língua Portuguesa nessas turmas. Por isso, estava certa de que responderiam com atenção e sinceridade, e que poderiam dizer toda a verdadeira opinião acerca de sua trajetória como aluno nas aulas de Inglês, bem como, o seu relacionamento com as professoras de língua inglesa que têm ou já tiveram.

Essa imparcialidade na pesquisa tende a ter resultados bem positivos, já que é muito possível que os alunos, ao responderem esses questionários possam eventualmente acabar por responder o que o (a) professor (a) espera que eles façam, principalmente se as perguntas envolverem a análise do desempenho do professor como profissional.

Na próxima seção são detalhados os procedimentos para a coleta e análise dos dados.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Como instrumento para a coleta de dados foi utilizado um questionário que segundo RIZZINI (1999), consiste em uma série de perguntas e questões, cuja forma, aberta ou fechada, configura tipos de coleta de dados qualitativos e quantitativos respectivamente.

Nesta pesquisa, o questionário foi empregado para obter informações gerais e específicas sobre o tema estrangeirismos, e também como um instrumento que permitisse aos alunos uma reflexão sobre sua aprendizagem de inglês. Nesse aspecto

procurou-se favorecer a uma análise crítica que também pudesse envolver uma melhor compreensão de sua própria postura na aprendizagem desse tema, e uma apreciação sobre qual parcela de importância foi destinada aos estrangeirismos nas aulas de inglês, tanto da parte do aluno, quanto da parte do professor.

Foram elaboradas no referido questionário perguntas abertas e fechadas, pois segundo Nunan (1992) os questionários podem se constituir de questões abertas, fechadas ou podem ser mesclados. Nos questionários com questões fechadas, as respostas são pré-determinadas pelo pesquisador e o entrevistado tem que responder dentro dessas escolhas. Já as questões abertas permitem que o respondedor tenha uma liberdade maior para fazer o que quer e da forma como deseja. As respostas advindas de questões abertas podem refletir melhor o que o entrevistado quer dizer (Nunan, 1992 p.143).

No questionário usado, colocado em sua íntegra no ANEXO D, treze perguntas foram feitas para obter informações sobre o que os participantes aprenderam sobre estrangeirismos.

Visando facilitar a análise dos dados que seriam coletados, já na elaboração, o aludido questionário foi dividido em quatro etapas, abaixo discriminadas:

I Sondagem Diagnóstica

II Conhecimento prévio

III Conscientização

IV Grau de interesse

I - SONDAGEM DIAGNÓSTICA

Nesta etapa foram feitas três perguntas numeradas de 1 a 3, objetivando-se uma sondagem diagnóstica sobre o idioma inglês:

1. Você acha importante estudar inglês?
2. Qual é o seu interesse pela língua inglesa?
3. Você estuda inglês fora da Escola Pública?

A finalidade dessas perguntas foi a de produzir respostas que permitissem fazer uma avaliação do grau de interesse do aluno sobre o idioma. Seria uma sondagem inicial com o objetivo de relacionar seu grau de interesse, bem como sua curiosidade em ampliar o conhecimento linguístico e cultural na disciplina de Língua Estrangeira Moderna.

Tal suposição recai sobre a teoria de quanto maior o interesse pelo idioma, maior será também a curiosidade em aprofundar os conhecimentos sobre o tema estrangeirismos, que atualmente é mais trabalhado na disciplina de língua portuguesa.

II - CONHECIMENTO PRÉVIO

Utilizando as perguntas numeradas de 4 a 7 pretendeu-se nesta etapa que as respostas pudessem ocasionar a ativação do conhecimento prévio dos alunos:

4. Você sabe o que são estrangeirismos dentro da língua portuguesa?

Explique o que você conhece sobre esse assunto.

5. Caso a resposta da pergunta anterior seja afirmativa, escreva estrangeirismos que você conhece /se lembra nas seguintes áreas:

Comércio/Shopping/Alimentação _____

Esporte/TV _____

Informática/Internet _____

6. Você sabe o que essas palavras significam?

7. Com referência à música “Pela internet” de Gilberto Gil, você consegue compreender o sentido/significado dela, mesmo com essa quantidade de palavras de origem inglesa?

Essas perguntas foram feitas especificamente para avaliar, mesmo que superficialmente qual é o nível de conhecimento prévio do aluno sobre o assunto Estrangeirismos.

Nossos alunos da rede pública geralmente apresentam grande resistência, ou dificuldade em admitir que sabem alguma coisa de inglês. É muito frequente ouvirmos

em sala de aula, falas como: “Não sei nada de inglês”, “Inglês não entra na minha cabeça”, “Não consigo aprender”, ou a famosa frase: “Ah, professora, não sei falar português direito, aprender inglês pra quê?”

À primeira vista, é possível que alguns respondam que não sabem nada sobre estrangeirismos. Porém, ainda não sei se é um assunto novo para eles ou não; também não tenho nenhuma expectativa sobre o grau de percepção/ observação dos alunos sobre esse tema. Por isso, essas perguntas me elucidarão qual é efetivamente o conhecimento específico dos alunos, sobre essa área do conhecimento.

III - CONSCIENTIZAÇÃO

Esta etapa continha as perguntas numeradas de 8 a 10 feitas para conscientizar os alunos do quanto já sabem / já viram inglês:

8. Com referência à música, você consegue compreender o sentido/significado dela, mesmo com essa quantidade de palavras de origem inglesa?
9. Volte ao texto com a música e circule todas as palavras que você conhece.
10. Leia essas palavras com atenção e marque caso você a conheça e a utilize no seu dia-a-dia.

Essas perguntas feitas de uma maneira bem simplificada objetivavam respostas que permitissem causar uma espécie de conscientização do quanto os alunos conhecem inglês sem perceber.

Ao respondê-las, se darão conta da quantidade de palavras inseridas no nosso dia a dia e que utilizam com frequência, pois provavelmente marcarão diversas palavras tanto na música, quanto assinalarão diversas palavras no exercício 10.

IV - GRAU DE INTERESSE

Nesta etapa, as perguntas de 11 a 13 objetivaram identificar o grau de interesse sobre o assunto Estrangeirismos:

11. Marque nas frases abaixo, a expressão que você prefere, (português ou inglês).
12. Você já viu esse assunto (Uso de Estrangeirismos) nas aulas de inglês?
13. Esse é um assunto que atrairia sua atenção? Você gostaria de aprender (nas aulas de inglês), mais sobre essas expressões e em quais situações comunicativas a usamos?

As respostas e essas perguntas demonstrarão o grau de interesse dos alunos sobre a questão Estrangeirismos. Inicialmente, se preferem determinada expressão em português ou em inglês; a seguir, se em algum momento de sua vida escolar no Ensino Fundamental II, etapa já concluída, esse assunto já havia sido abordado em algum momento e se é algo que os alunos gostariam de aprender mais.

Contudo é possível que muitas das minhas hipóteses não sejam confirmadas, visto que é impossível saber que respostas os alunos poderão trazer, e mais, meu anseio é de obter respostas que me ajudem a desconstruir minhas atuais inferências.

Nós, professores, ou pelo menos grande parte de nós tem o hábito de criar prévias suposições e basear nelas todo o planejamento de aulas.

No entanto, um Inglês para Propostas Específicas traz as verdadeiras informações que necessitamos para que possamos elaborar aulas mais de acordo com as vontades e necessidades dos educandos, proporcionando melhores experiências de aprendizado.

As respostas obtidas nos questionários trarão um retrato do que os alunos já sabem sobre estrangeirismos, se gostam ou não desse assunto e se há interesse por aprendê-lo. Será possível também saber como oportunizar aulas com esse assunto que contemplem não somente o que o aluno gosta, mas também o que ele precisa / deve saber mediante o mundo à sua volta.

O questionário foi aplicado no dia 16 de outubro, como já foi dito anteriormente, no refeitório da própria escola contexto desta pesquisa.

Assim que as respostas foram recebidas, organizei-me para iniciar a análise dos dados cujos resultados estão considerados no capítulo a seguir.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

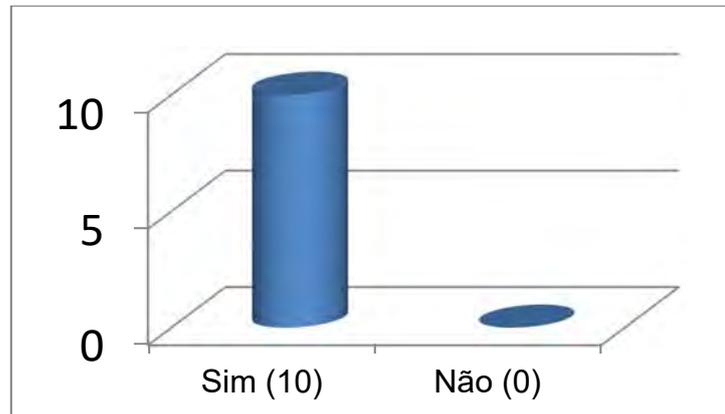
Conforme minuciosamente descrito no capítulo anterior, as questões do questionário aplicado foram divididas em quatro etapas: Sondagem Diagnóstica, Conhecimento Prévio, Conscientização e Grau de Interesse.

Este capítulo traz a análise das perguntas e das respostas obtidas nos questionários aplicados aos alunos cujos resultados, subdivididos nas etapas acima, estão dispostos em forma de gráficos para melhor visualização e também estão elencadas suas respectivas considerações, análises e interpretações.

4.1 - SONDAGEM DIAGNÓSTICA

Trazendo o perfil dos participantes, as respostas apresentadas nesta etapa, parecem transmitir os seguintes resultados:

Gráfico 1: Importância do estudo de inglês para os participantes

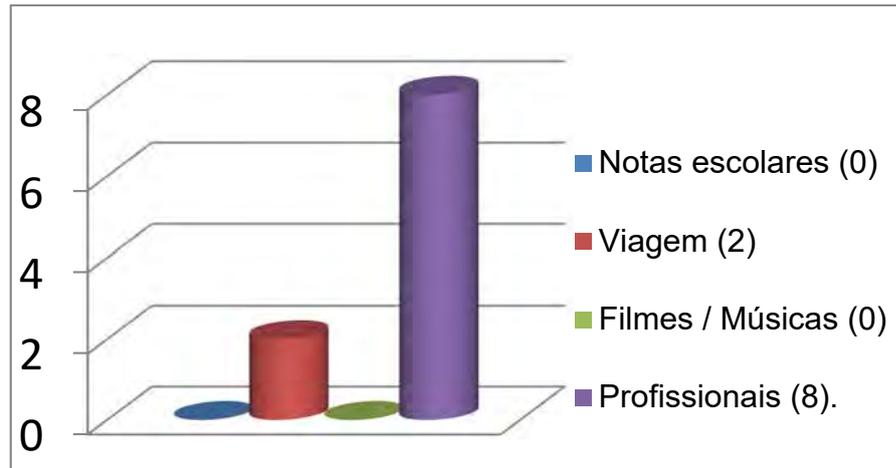


Pode ser observado neste gráfico, que todos os participantes desta pesquisa responderam *Sim* à questão: *Você acha importante estudar Inglês?* Tal resultado parece sinalizar que ao considerarem positivamente a importância de estudar inglês, deixam-nos perceber que valorizam a presença dessa disciplina na matriz curricular do Ensino Fundamental e do Médio.

Essa resposta parece também corroborar com a ideia de retomada da valorização e importância do ensino-aprendizagem da Língua Inglesa na escola pública, que no passado parecia ser desprivilegiada e sem tanto valor. Como todos sabem, somente a partir da Lei nº 9394/96 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Inglês deixou de figurar como atividade para se tornar parte da matriz curricular como disciplina.

Dessa forma podemos notar o quanto é positiva a aceitação e a necessidade emergente de aprendizagem de inglês na Escola Pública, vindo ao encontro das opiniões dos alunos refletidas nessa resposta.

Gráfico 2: Finalidade do estudo de inglês

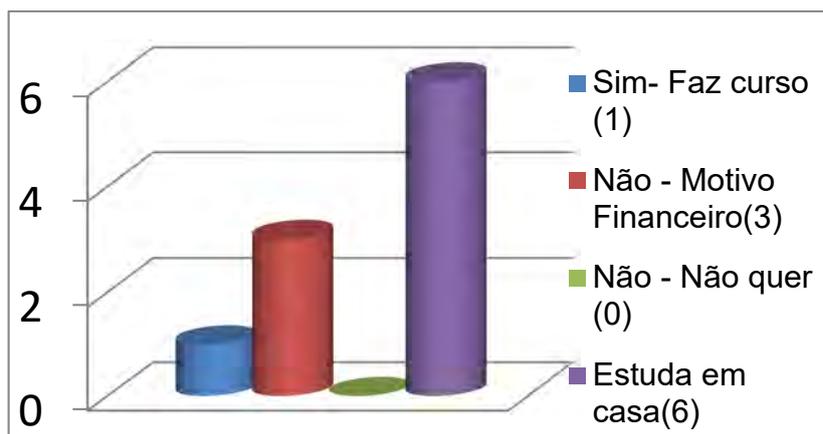


Observamos nas respostas dos alunos dadas à questão número 2: *Qual é o seu interesse pela língua inglesa?* sinalizadas no gráfico acima, que o objetivo de aprender inglês para ter boas notas escolares, ou para entender melhor músicas e / ou filmes em inglês não parecem ser razões muito motivadoras para que eles apresentem grande interesse pelo idioma.

Já as práticas sociais de comunicar-se numa viagem e principalmente questões profissionais / ter um emprego melhor no futuro despertam muito mais interesse, reafirmando a resposta anterior que além de estudar inglês também manifestam interesse por essa Língua.

Gráfico 3: Locais para o estudo de inglês

Nesse gráfico estão apresentadas as respostas dos participantes dadas para a questão número 3: *Você estuda Inglês fora da Escola Pública?*



As respostas a essa questão complementam o grupo de perguntas introdutórias de sondagem diagnóstica verificadoras do interesse do aluno pelo idioma. No gráfico 3, podemos notar que dos dez alunos, um faz curso em Instituto de Línguas (Curso de Idiomas), três não estudam Inglês fora da Escola afirmando que não têm condições financeiras para arcar com os custos do curso. Nenhum dos alunos mostrou-se desinteressado pois ninguém respondeu que não quer fazer curso de Inglês e com um número bem maior do que eu esperava seis alunos disseram que estudam Inglês em casa sozinhos, com vídeo game, músicas e filmes.

Foi uma surpresa observar que todo o contato que os alunos têm com o idioma parece, para eles, uma oportunidade de aprendizagem. Logo, essa resposta parece demonstrar o quanto os alunos acreditam que seu conhecimento prévio realizado em suas práticas sociais pode e deve ser aproveitado na escola.

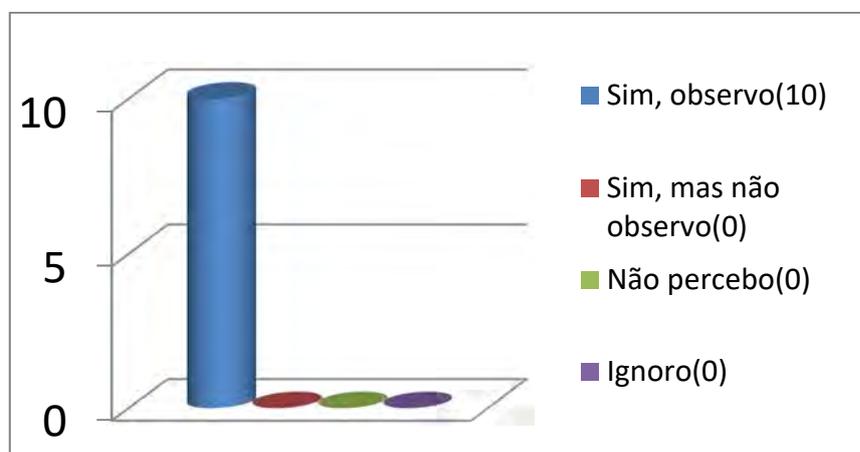
4.2 - CONHECIMENTO PRÉVIO

Nesta etapa, as respostas apresentadas às perguntas feitas com a intenção de descobrir informações sobre o nível de conhecimento prévio que os alunos participantes carregam trazem os seguintes resultados:

Gráfico 4: Presença de estrangeirismos na língua portuguesa

Nesse gráfico são representados os resultados obtidos nas respostas dos alunos à questão número 4: *Você tem notado / percebido que há no nosso idioma,*

diversas palavras de origem inglesa que usamos com certa frequência na nossa língua portuguesa?

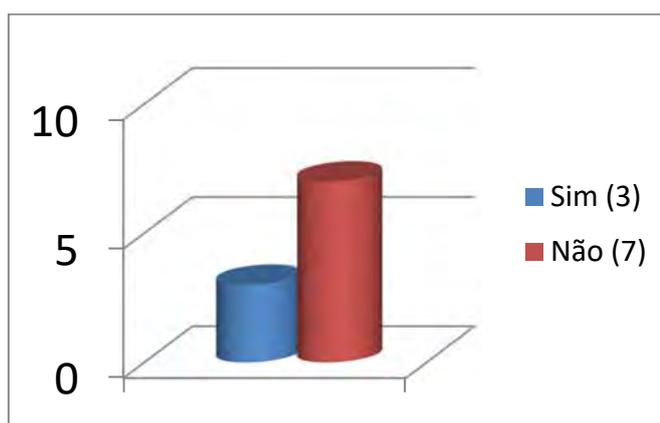


A resposta dada foi unânime entre os dez participantes; todos pontuaram já terem observado os estrangeirismos que há no nosso idioma.

Dessa forma é possível confirmar que os estrangeirismos constituem uma área em que os alunos já têm certo nível de conhecimento prévio. Portanto, não deveria deixar de figurar e ser parte integrante das aulas de Inglês.

Gráfico 5:Conhecimento prévio sobre estrangeirismos

As respostas emitidas pelos alunos participantes à questão número 5, *Você sabe o que são estrangeirismos dentro da língua portuguesa? Explique o que você conhece sobre esse assunto* originaram os resultados apresentados no gráfico a seguir:



A pergunta feita por ser uma das questões abertas usada no questionário trouxe uma resposta intrigante, pois na pergunta anterior a essa todos os alunos responderam que notam / percebem a quantidade de estrangeirismos no nosso idioma, no entanto apenas três alunos souberam responder o que são exatamente os estrangeirismos.

Ora, presume-se que quando um aluno diz perceber o que são estrangeirismos, deva saber do que se trata. No entanto, sete alunos entre dez participantes do 2º ano do Ensino Médio afirmaram não saber do que se tratavam os estrangeirismos. Parece que a lacuna detectada nessa questão não deva ser responsabilidade ou tarefa apenas dos professores de Língua Materna. Nós, como professores de Língua Estrangeira Moderna que somos, também devemos trabalhar esse assunto em nossas aulas.

A questão número 6: *Caso a resposta da pergunta anterior seja afirmativa, escreva estrangeirismos que você conhece / se lembra nas seguintes áreas: Comércio/Shopping/Alimentação - Esporte/TV - Informática/Internet* trouxe respostas variadas cuja organização para apresentação visual ficou inviável.

Embora não tenha sido possível analisar as respostas dadas a essa pergunta aberta, ela nos trouxe uma informação importante. O fato de ela ter sido extremamente clara em orientar ao aluno que só precisaria preencher as lacunas com estrangeirismos que conhecesse, caso tivesse respondido afirmativamente na pergunta anterior o que são os estrangeirismos, pois obviamente não se responde a algo que não se sabe.

No entanto, foi curioso notar que apesar de sete alunos terem respondido não saber o que são estrangeirismos, todos os dez participantes escreveram estrangeirismos que conheciam.

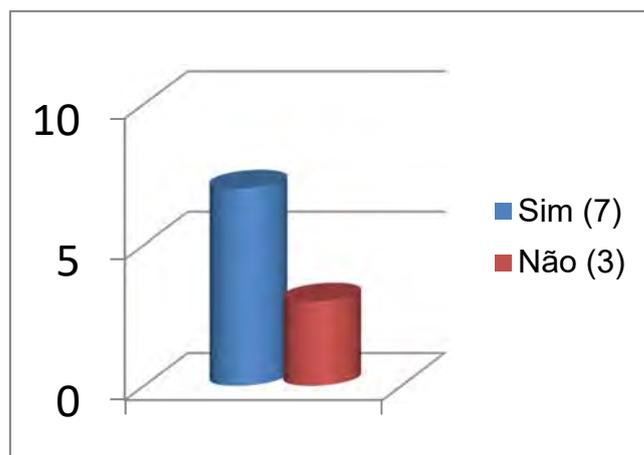
Pode-se explicar essa atitude relacionando-a ao velho problema do aluno da escola pública que muito comumente diz não saber nada de inglês, ou que não precisa aprender inglês ou ainda que o inglês não entra em sua cabeça e outros mitos. Todavia, no momento subsequente quando lhe é perguntado se conhece algum estrangeirismo, o mesmo aluno que dizia não saber nada, curiosamente começa a escrever diversas palavras, tamanho é o seu conhecimento prévio sobre o referido assunto.

Gráfico 6: Estrangeirismos conhecidos

Esse gráfico nos permite visualizar as respostas dadas pelos alunos participantes à questão número 7: *Você sabe o que essas palavras significam?*

Nessa questão ficou claro como as respostas se inverteram. É possível observar uma espécie de conscientização acontecendo dentro de cada um à medida que foram respondendo o questionário. Os mesmos alunos que acabaram de dizer que não sabiam o que era estrangeirismos, escreveram exemplos que se lembraram e souberam identificá-los na próxima pergunta ao ler uma música marcando todos os estrangeirismos que conheciam.

Palavras como *web site*, *home page*, *gigabytes*, *e-mail*, *hot link*, *site*, *hacker*, foram palavras que surgiram na música e foram amplamente sinalizadas pelos alunos como sendo estrangeirismos.

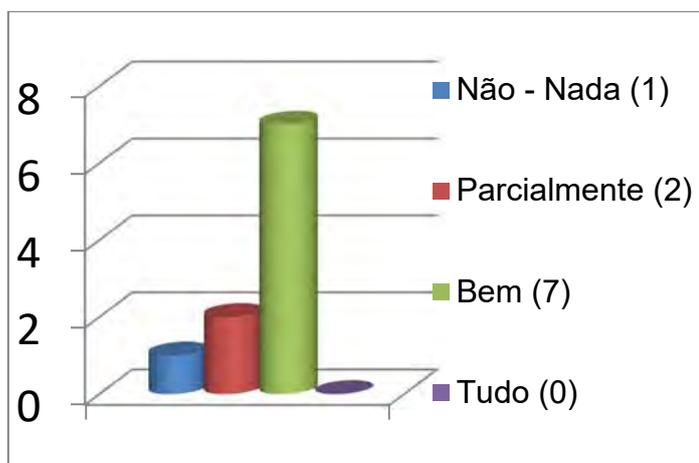


4.3 – CONSCIENTIZAÇÃO

Nesta etapa as respostas que os participantes deram às perguntas feitas, apresentaram dados sobre a tomada de consciência que os alunos têm sobre os seus conhecimentos prévios. Tais resultados são representados e comentados a seguir.

Gráfico 7: Uso de estrangeirismos

O gráfico 7 condensa as respostas que foram dadas pelos alunos às questões de número 8: *Com referência à música, você consegue compreender o sentido/significado dela, mesmo com essa quantidade de palavras de origem inglesa?* e à questão de número 9: *Volte ao texto com a música e circule todas as palavras que você conhece.*



Ao responder à pergunta de número oito, os alunos fizeram uma autoanálise de sua compreensão das palavras que viram e ouviram na música “Pela internet” de Gilberto Gil. Foi uma pergunta de respostas medianas; ninguém afirmou que sabia/compreendia tudo na música. Somente um aluno informou que não compreendeu nada da música. Dois afirmaram ter entendido parcialmente a música e sete alunos responderam que compreenderam bem, mesmo havendo muitas palavras em inglês.

A pergunta nove fez com que todos os alunos marcassem as palavras em inglês que conheciam, e não foram poucas. Logo, o processo de “enxergar” o que sabiam começou a aflorar; muitos alunos diziam: “Ah, eu conheço essa”, “ah, essa é fácil”, mostrando um conhecimento de mundo surgindo naquele momento, pois certamente se lembravam daquelas palavras, vistas nos mais diversos ambientes.

Gráfico 8: Estrangeirismos: facilitadores do conhecimento

Conforme pode ser observado no questionário colocado no ANEXO D, na questão de número 10 foram selecionadas 31 palavras para que os alunos ticassem nas que conheçam. Objetivava que dessa forma fossem conseguindo visualizar a grande quantidade de palavras que sabem.



O gráfico mostra o alto número de palavras marcadas, embora nenhum aluno tenha marcado que conhecesse todas as palavras. Houve três participantes que assinalaram 30 dos 31 estrangeirismos sugeridos.

Um aluno marcou que conhecia 29 das 31 palavras. Outro marcou que conhecia 28 das 31 sugeridas. Um estudante marcou 26 dentre as opções oferecidas. Dois assinalaram que conheciam 23 e 2 alunos apenas apontaram conhecer 16 das 31 palavras.

Podemos então ponderar os seguintes dados que essa resposta nos apresenta:

- ✓ 60% dos alunos assinalaram mais de 80% das opções propostas.
- ✓ Dos 40% restantes, todos assinalaram pelo menos 50% das opções de palavras inglesas que foram apresentadas.

Isso mostra um índice muito alto de conhecimento e também de uso dessas palavras no dia a dia dos alunos. Como era de se esperar, realmente os estrangeirismos parecem fazer parte do cotidiano dos nossos alunos.

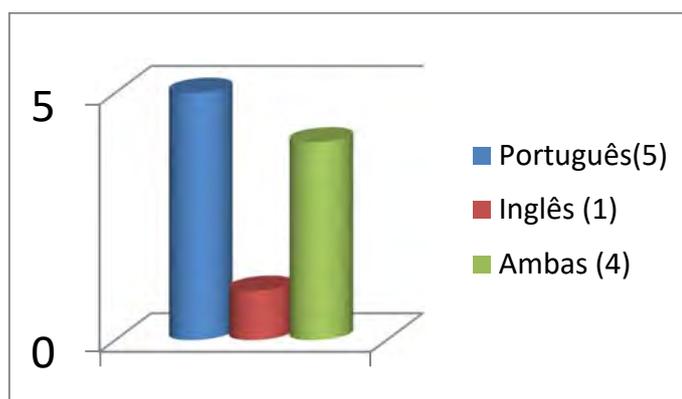
4.4 – GRAU DE INTERESSE

Por fim, nesta etapa, podemos verificar nas respostas dadas às questões específicas dessa parte representadas em gráficos, qual é o grau de interesse dos alunos para que o tema estrangeirismos faça mais parte das aulas de inglês.

Gráfico 9: Percepção da própria aprendizagem

Para que pudessem responder à questão de número 11: *Marque nas frases abaixo, a expressão que você prefere, (português ou inglês)* foram colocadas como opção apenas 6 frases (ANEXO D), escritas em português e em inglês. O aluno tinha de escolher qual delas preferiria usar.

Ao serem questionados sobre expressões popularmente utilizadas em inglês aqui no Brasil, obtivemos uma resposta interessante, que pode ser observada no gráfico a seguir:

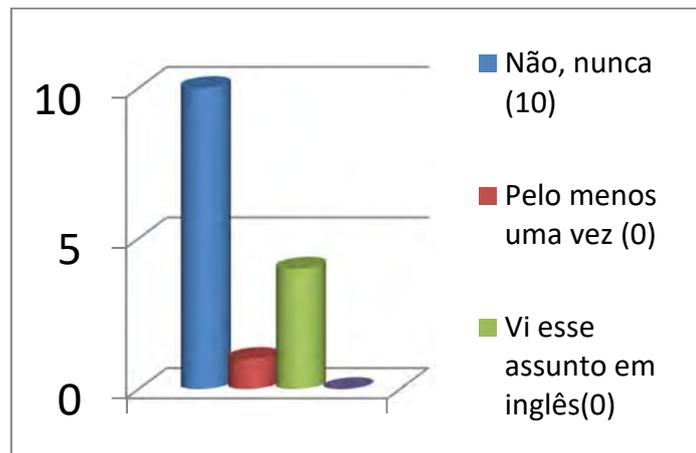


Embora a maioria dos alunos tenha preferência em usar essas expressões em língua materna, o que é natural, visto sua pouca habilidade com a Língua Estrangeira, quatro alunos, o que representa 40% das respostas, atenderam a esse quesito dando uma semelhança muito grande entre as duas línguas. Ou seja, esses quatro alunos assinalaram que preferem utilizar 3 frases em português e 3 em inglês, colocando em pé de igualdade o sentido que as frases têm.

Podemos afirmar que, para o aluno indiferentemente do idioma, o que importa é que a comunicação seja a mais clara possível. Por exemplo, entre utilizar a palavra gay ou homossexual, 80% dos alunos assinalaram preferir utilizar a palavra gay.

Gráfico 10: Estudo de estrangeirismo

Ao responderem à questão de número 12: *Você já viu esse assunto (Uso de Estrangeirismos) nas aulas de inglês?* os participantes trouxeram dados importantes para esta pesquisa, cujos resultados se encontram representados no gráfico abaixo:



Essa pergunta também nos trouxe um panorama unânime. Dentre os alunos, todos responderam nunca terem visto – ou não se lembrarem de ter visto o assunto estrangeirismos sendo abordado dentro da disciplina de Língua Inglesa.

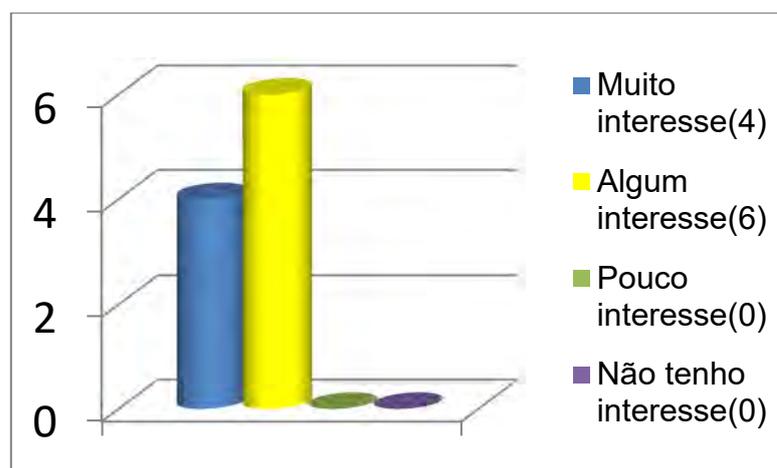
Levando em consideração que esses alunos estão cursando o 2º ano do Ensino Médio, é muito provável, que eles finalizem todas as etapas da Educação Básica sem nunca em nenhuma aula de língua inglesa, algum professor dê aulas que contenham em seu conteúdo o assunto estrangeirismos, que embora tão vistos e conhecidos pelos alunos, como os dados mostram, não tiveram a atenção e nem foram abordados.

Logo, é possível supor que todo o conhecimento prévio que o aluno traz consigo plusive na marcação das palavras, na música e nas demais perguntas do questionário aplicado foi obtido de forma não acadêmica, não formal, ou seja, não podemos dizer que foi aprendido na escola, e sim no dia a dia do mundo real e não nos bancos escolares.

Gráfico 11: Estrangeirismo como elemento motivador

Finalizando o questionário foi perguntado na questão de número 13: *Esse é um assunto que atrairia sua atenção? Você gostaria de aprender (nas aulas de inglês) mais sobre essas expressões e em quais situações comunicativas a usamos?*

As respostas dadas foram analisadas e representadas no gráfico a seguir:



Essa pergunta que visou compreender o grau de interesse dos alunos participantes ao tema proposto: mais informações sobre os estrangeirismos dentro das aulas de inglês, nos apresenta o seguinte dado:

- ✓ 40% apresenta alta motivação, com muito interesse nesse tema
- ✓ 60% apresenta algum interesse nesse assunto
- ✓ E nenhum aluno demonstrou pouco, ou nenhum interesse sobre a proposta.

Vemos nessa resposta que a inclusão, o trabalho com os estrangeirismos em sala de aula parece emergente, já que todos informaram não ter visto esse assunto nas aulas, porém, apresentam interesse e entusiasmo, estando dispostos a aprender mais sobre esse assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho que decorreu de muitas leituras foi acima de tudo, uma jornada, um desejo interno realizado de mudança em minha prática, que teve por principal objetivo preencher uma lacuna que acredito ainda estar muito aberta no que se refere às aulas de inglês na Escola Pública.

Como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, diversas vezes me questionei por que estava trabalhando atividades voltados ao assunto estrangeirismos, somente sugerido por livros didáticos de Língua Portuguesa,

acreditando que poderia também estar abordando esse tema dentro das minhas aulas de Língua Estrangeira.

Sinceramente eu reconheço que esta abertura dentro da minha cabeça, não partiu só de mim, mas que só passou a me incomodar quando participei do Projeto de formação contínua promovido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em parceria com a Associação Cultura Inglesa de São Paulo.

Segundo informações de Bárbara (2003 p.49 - 54), esse projeto iniciado em 1994, (antes da publicação dos PCN em 1998), foi promovido, elaborado e implementado pela professora Maria Antonieta Alba Celani juntamente com diversos professores, linguistas, estudiosos da área. Assim se originou o curso chamado: “A formação contínua do professor de inglês: Um contexto para a reconstrução de sua prática”, e que posteriormente em 1997 o curso tornou-se: “Reflexão sobre a ação: O professor de Inglês ensinando e aprendendo”, até culminar nesse projeto atual, o qual posso afirmar sem sombra de dúvida mudou radicalmente minha vida profissional, meu modo de ver, desconstruir minhas antigas concepções e que mudou minha prática inclusive nas minhas aulas de Língua Portuguesa.

Se for possível ser ainda mais específica, essa tomada de consciência se deu na leitura de: “A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política”, de Moita Lopes (2001) que tratou de explicar de maneira bem pormenorizada, como é essencial que o professor partilhe de uma formação política.

Esse texto corrobora com a fala de Paulo Freire (2011 p.122-123) que em “Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa”, afirma que sem essa ideologia política nos tornamos “míopes”, ou ficamos na “penumbra”, coberto pelo nevoeiro e pela opacidade da verdade dos fatos.

Foi exatamente essa a minha sensação ao ter conhecimento desse texto e das verdades latentes contidas nele. Percebi então, após findada minha leitura, o quanto as informações e exemplos contidos nele me tiraram desse processo de “miopização” ou de “ensurdecimento” que nos faz sentir acomodados e aceitando docilmente, sem questionar ideologias que nos são impostas.

Como professora de Língua que sou, desejo também, ser uma educadora predisposta a provocar esse mesmo processo em meus alunos, fazendo-os enxergar verdadeiramente o mundo que os cerca. Contudo, sei que muitos de meus colegas de trabalho, não poderão ter essa ferramenta de trabalho nas mãos, uma vez que eles ainda não tiveram a oportunidade que tive, pois só se ajuda alguém a enxergar a

realidade depois de ter tido essa experiência, após terem sido retiradas as algemas da ignorância, das falsas crenças e das ideias enganosas.⁷

Dessa maneira é possível entender o quanto a formação do professor é fundamentalmente indispensável nesse processo. Finalizo com a mesma conclusão da professora Alba Celani, no que diz respeito ao tema estrangeirismos, juntamente com a formação política do professor:

Concluo, também, afirmando que a naturalização de palavras estrangeiras (somente inglesas?) no português do Brasil não derrubará a República. Só poderá beneficiar os brasileiros. Mas, para que isso aconteça é necessário que se propicie o desenvolvimento de uma consciência crítica nos educadores em geral e nos professores de língua inglesa em particular. Isso terá reflexos seguros na educação de cidadãos conscientes, de mente aberta, atuantes no fascinante mundo que os espera.(CELANI 2004 p. 124)

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph e HANESIAN, Helen. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BAGNO, Marcos. (2000) **O deputado e a língua**. Jornal de Brasília, 09 jan. 2000.

BARBARA, Leila e Rosinda de Castro Guerra RAMOS (orgs.) **Reflexão e Ações no Ensino-Aprendizagem de Línguas**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2003. Coleção As Faces da Linguística Aplicada.

⁷ Essa citação refere-se ao “Mito da caverna”, e trata-se da exemplificação de como podemos nos libertar da condição de escuridão que nos aprisiona através da luz da [verdade](#), onde Platão discute sobre teoria do conhecimento.

BRASIL, Secretaria da Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias**. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Chauvinismo linguístico: uma nova melodia para um novo tema. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; SILVA, Fábio L. L. da (Orgs.). **A linguística que nos faz falhar: Investigação crítica**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 119-124,

CONRAD, Andrew W., FISHMAN, Joshua A. English as a world language. In: FISHMAN, Joshua A., COOPER, Robert L., CONRAD, Andrew W. **The spread of English**. Rowley Massachussets: Newburry House, 1977.

CRESPO, Miguel Angel Gómez; POZO, Juan Ignacio; A Solução de Problemas nas Ciências da Natureza. In: POZO, J. I. (org). **A Solução de Problemas: aprender a resolver, resolver para aprender**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 67-102.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção de Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

ELLIS, Rod. **Second language Acquisition**. New York: Oxford University Press, 2001.

FARACO, Carlos Alberto (org.) **Estrangeirismos: Guerras em Torno da Língua**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 43.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Tiago; RAMILO, Maria Celeste; SOALHEIRO Elisabete. Instituto de Linguística Teórica e Computacional. In: **O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu**. Lisboa, 2003. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-redip-estrangeirismos.pdf> >. Acesso em 25/11/2012.

[FURTADO, Suzana Ramalho](#). **Léxico e identidade linguística: Formação do vocabulário do português-brasileiro pelos estrangeirismos**. Sapiientia Puc, 2008. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, 2008. Disponível em: <<http://www.sapiientia.pucsp.br>>. Acesso em 25/11/2012.

IVIC, Ivan. **Lev. Semionovich Vygotsky**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010. Coleção Educadores MEC

KRASHEN, Stephen D. - **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Prentice-Hall International, 1987.

LEFFA, Vilson. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

LOPES DA SILVA, F.; RAJAGOPALAN, K (Orgs). **A Linguística que nos faz falhar: Investigação crítica**. São Paulo: Parábola, 2004.

MARCHETTI, Greta, **Para viver juntos: Português, 9º ano: Ensino Fundamental / Heidi Strecker, Mirella L. Cleto, 1. ed.** São Paulo: Edições SM, 2009 .

MARCON, Maria Aparecida Souza Medeiros. **Estrangeirismos em malhação: Ameaça linguística ou variação lexical do português teen?**. Unisul, 2005. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2005. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/79918_Maria.pdf. Acesso em 25/11/2012.

MOITA LOPES, Luiz. Paulo da. A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política. In: Barbara, L.; Ramos, R. C. G. (orgs.) **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003. p. 29-57.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada**. Cap.3 Artigo: “Yes : “Yes, nós temos bananas” ou “Paraíba não é Chicago não” - Um estudo sobre a alienação e o Ensino de Inglês como Língua Estrangeira no Brasil, publicado na Revista Educação e Sociedade, Unicamp (1982) e republicado do livro Oficina de Linguística Aplicada em 1996/2000.

_____.2005. **Inglês no Mundo Contemporâneo: Ampliando Oportunidades Sociais por Meio da Educação**. Texto-base do Simpósio da TIRF (TESOL International Research Foundation), realizado em São Paulo, mimeo.

NUNAN, David. **Research Methodism in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Trad. Dirceu A. Lindoso; Rosa M.R. da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

REBELO, Aldo. (1999), **Projeto de Lei nº 1676/99**, “Que dispõe sobre a promoção, proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”.

RIZZINI, Irma; CASTRO, Mônica Rabello; SARTOR, Carla Daniel. **Pesquisando...** guia de pesquisas para programas sociais. RJ: Ed. Univ. Sta Úrsula, 1999.

ROSA, Patrícia Helena Rolim. Abstract Summary. In: **Estrangeirismos na área bancária na língua portuguesa do Brasil: uma investigação baseada em “corpus”**.

São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.openthesis.org/documents>>. Acesso em 25/11/2012.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras. **Dados demográficos pertencentes às Subprefeituras**. IBGE. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

SCHMITZ, John Robert; **Língua Portuguesa: defendê-la de quem e de quê?**, 05/2000, Cadernos da Adunicamp, Vol. 1, Campinas, SP, BRASIL, 2000. p.5-5.

VAEZI, Shahin; Theories of reading 2. Teaching English. **BBC- British Broadcast Corporation**, 2006. Disponível em: <<http://www.teachingenglish.org.uk/articles>>. Acesso em: 12 out. 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra – São Paulo, Martins Fontes, 2000.

WITTGENSTEIN, Ludwig - **Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas**. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2.ed.1995.

ANEXOS

ANEXO A - PROJETO DE LEI N°1676, DE 1999

(Do Sr. ALDO REBELO)
(versão aprovada na CCJ)

Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Nos termos do caput do art. 13, e com base no caput, I, § 1º e § 4º do art. 216 da Constituição Federal, a língua portuguesa:

- I- é o idioma oficial da República Federativa do Brasil;
- II- é forma de expressão oral e escrita do povo brasileiro, tanto no padrão culto como nos moldes populares;
- III- constitui bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro.

Parágrafo único. Considerando o disposto no caput, I, II e III deste artigo, a língua portuguesa é um dos elementos da integração nacional brasileira, concorrendo, juntamente com outros fatores, para a definição da soberania do Brasil como nação.

Art. 2º Ao Poder Público, com a colaboração da comunidade, no intuito de promover, proteger e defender a língua portuguesa, incumbe:

I- melhorar as condições de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa em todos os graus, níveis e modalidades da educação nacional;

II- incentivar o estudo e a pesquisa sobre os modos normativos e populares de expressão oral e escrita do povo brasileiro;

III- realizar campanhas e certames educativos sobre o uso da língua portuguesa, destinados a estudantes, professores e cidadãos em geral;

IV- incentivar a difusão do idioma português, dentro e fora do País;

V- fomentar a participação do Brasil na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa;

VI- atualizar, com base em parecer da Academia Brasileira de Letras, as normas do Formulário Ortográfico, com vistas ao aporuguesamento e à inclusão de vocábulos de origem estrangeira no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

§ 1º Os meios de comunicação de massa e as instituições de ensino deverão, na forma desta lei, participar ativamente da realização prática dos objetivos listados nos incisos anteriores.

§ 2º À Academia Brasileira de Letras incumbe, por tradição, o papel de guardião dos elementos constitutivos da língua portuguesa usada no Brasil.

Art. 3º É obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados, e pelos estrangeiros residentes no País há mais de 1 (um) ano, nos seguintes domínios socioculturais:

I- no ensino e na aprendizagem;

II- no trabalho;

III- nas relações jurídicas;

IV- na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica oficial;

V- na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica em eventos públicos nacionais;

VI- nos meios de comunicação de massa;

VII- na produção e no consumo de bens, produtos e serviços;

VIII- na publicidade de bens, produtos e serviços.

§ 1º A disposição do caput, I- VIII deste artigo não se aplica:

I- a situações que decorram da livre manifestação do pensamento e da livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, nos termos dos incisos IV e IX do art. 5º da Constituição Federal;

II- a situações que decorram de força legal ou de interesse nacional;

III- a comunicações e informações destinadas a estrangeiros, no Brasil ou no exterior;

IV- a membros das comunidades indígenas nacionais;

V- ao ensino e à aprendizagem das línguas estrangeiras;

VI- a palavras e expressões em língua estrangeira consagradas pelo uso, registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa;

VII- a palavras e expressões em língua estrangeira que decorram de razão social, marca ou patente legalmente constituída.

§ 2º A regulamentação desta lei cuidará das situações que possam demandar:

I- tradução, simultânea ou não, para a língua portuguesa;

II- uso concorrente, em igualdade de condições, da língua portuguesa com a língua ou línguas estrangeiras.

Art. 4º Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei.

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, considerar-se-á:

I- prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;

II- prática enganosa, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder induzir qualquer pessoa, física ou jurídica, a erro ou ilusão de qualquer espécie;

III- prática danosa ao patrimônio cultural, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira.

Art. 5º Toda e qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional ou em repartição brasileira no exterior a partir da data da publicação desta lei, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, terá que ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de registro da ocorrência.

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, na inexistência de palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa, admitir-se-á o aportuguesamento da palavra ou expressão em língua estrangeira ou o neologismo próprio que venha a ser criado.

Art. 6º. A regulamentação desta lei tratará das sanções administrativas a serem aplicadas àquele, pessoa física ou jurídica, pública ou privada, que descumprir qualquer disposição desta lei.

Art. 7º A regulamentação desta lei tratará das sanções premiaias a serem aplicadas àquele, pessoa física ou jurídica, pública ou privada, que se dispuser, espontaneamente, a alterar o uso já estabelecido de palavra ou expressão em língua estrangeira por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa.

Art. 8º À Academia Brasileira de Letras, com a colaboração dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, de órgãos que cumprem funções essenciais à justiça e de instituições de ensino, pesquisa e extensão universitária, incumbe realizar estudos que visem a subsidiar a regulamentação desta lei.

Art. 9º O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo máximo de 1 (um) ano a contar da data de sua publicação.

Art. 10. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

ANEXO B - JUSTIFICATIVA DO PROJETO DE LEI

A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. Por quê? Porque é o modo mais eficiente, apesar de geralmente lento, para impor toda uma cultura - seus valores, tradições, costumes, inclusive o modelo socioeconômico e o regime político.

Foi assim no antigo oriente, no mundo greco-romano e na época dos grandes descobrimentos. E hoje, com a marcha acelerada da globalização, o fenômeno parece se repetir, claro que de modo não violento; ao contrário, dá-se de maneira insinuante, mas que não deixa de ser impertinente e insidiosa, o que o torna preocupante, sobretudo quando se manifesta de forma abusiva, muitas vezes enganosa, e até mesmo lesiva à língua como patrimônio cultural.

De fato, estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos - como "holding", "recall", "franchise", "coffee-break", "self-service" - e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados - como "startar", "printar", "bidar", "atachar", "database". E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas

que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano, sobretudo a produção, o consumo e a publicidade de bens, produtos e serviços, para não falar das palavras e expressões estrangeiras que nos chegam pela informática, pelos meios de comunicação de massa e pelos modismos em geral.

Ora, um dos elementos mais marcantes da nossa identidade nacional reside justamente no fato de termos um imenso território com uma só língua, esta plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão, independentemente do nível de instrução e das peculiaridades regionais de fala e escrita. Esse - um autêntico milagre brasileiro - está hoje seriamente ameaçado.

Que obrigação tem um cidadão brasileiro de entender, por exemplo, que uma mercadoria "on sale" significa que esteja em liquidação ? Ou que "50% off" quer dizer 50% a menos no preço? Isso não é apenas abusivo; tende a ser enganoso. E à medida que tais práticas se avolumam (atualmente de uso corrente no comércio das grandes cidades), tornam-se também danosas ao patrimônio cultural representado pela língua. O absurdo da tendência que está sendo exemplificada permeia até mesmo a comunicação oral e escrita oficial. É raro o documento que sai impresso, por via eletrônica, com todos os sinais gráficos da nossa língua; até mesmo numa cédula de identidade ou num talão de cheques estamos nos habituando com um "Jose" - sem acentuação! E o que falar do serviço de "clipping" da Secretaria de Comunicação Social da Câmara dos Deputados, ou da "newsletter" da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano da Presidência da República, ou, ainda, das milhares de máquinas de "personal banking" do Banco do Brasil - Banco DO BRASIL - espalhadas por todo o País?

O mais grave é que contamos com palavras e expressões na língua portuguesa perfeitamente utilizáveis no lugar daquelas (na sua quase totalidade) que nos chegam importadas, e são incorporadas à língua falada e escrita sem nenhum critério lingüístico, ou, pelo menos, sem o menor espírito de crítica e de valor estético.

O nosso idioma oficial (Constituição Federal, art. 13, caput) passa, portanto, por uma transformação sem precedentes históricos, pois que esta não se ajusta aos processos universalmente aceitos, e até desejáveis, de evolução das línguas, de que é bom exemplo um termo que acabo de usar - caput, de origem latina, consagrado pelo uso desde o Direito Romano. Como explicar esse fenômeno indesejável,

ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural - a língua materna -, que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? Como explicá-lo senão pela ignorância, pela falta de senso crítico e estético, e até mesmo pela falta de auto-estima?

Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. É preciso agir com espírito de abertura e criatividade, para enfrentar - com conhecimento, sensibilidade e altivez - a inevitável, e claro que desejável, interpenetração cultural que marca o nosso tempo globalizante. Esse é o único modo de participar de valores culturais globais sem comprometer os locais.

A propósito, MACHADO DE ASSIS, nosso escritor maior, deixou-nos, já em 1873, a seguinte lição: "Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos, é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade." (IN: CELSO CUNHA, *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1981, p. 25 - na ortografia original de 1968).

Os caminhos para a ação, desde que com equilíbrio machadiano, são muitos, e estão abertos, como apontado por EDIRUALD DE MELLO, no seu artigo *O português falado no Brasil: problemas e possíveis soluções*, publicado em *CADERNOS ASLEGIS*, nº 4, 1998.

O Projeto de Lei que ora submeto à apreciação dos meus nobres colegas na Câmara dos Deputados representa um desses caminhos. Trata-se de proposição com caráter geral, a ser regulamentada no pormenor que vier a ser considerado como necessário. Objetiva promover, proteger e defender a língua portuguesa, bem como definir o seu uso em certos domínios socioculturais, a exemplo do que tão bem fez a França com a Lei nº 75-1349, de 1975, substituída pela Lei nº 94-665, de 1994, aprimorada e mais abrangente.

Quer-me parecer que o PL proposto trata com generosidade as exceções, e ainda abre à regulamentação a possibilidade de novas situações excepcionais. Por outro lado, introduz as importantes noções de prática abusiva, prática enganosa e

prática danosa, no tocante à língua, que poderão representar eficientes instrumentos na promoção, na proteção e na defesa do idioma pátrio.

A proposta em apreço tem cláusula de sanção administrativa, em caso de descumprimento de qualquer uma de suas provisões, sem prejuízo de outras penalidades cabíveis; e ainda prevê a adoção de sanções premiais, como incentivo à reversão espontânea para o português de palavras e expressões estrangeiras correntemente em uso. Nos termos do projeto de lei ora apresentado, à Academia Brasileira de Letras continuará cabendo o seu tradicional papel de centro maior de cultivo da língua portuguesa do Brasil. O momento histórico do País parece-me muito oportuno para a atividade legislativa por mim encetada, e que agora passa a depender da recepção compreensiva e do apoio decisivo da parte dos meus ilustres pares nesta Casa.

A afirmação que acabo de fazer deve ser justificada. Primeiramente, cumpre destacar que a sociedade brasileira já dá sinais claros de descontentamento com a descaracterização a que está sendo submetida a língua portuguesa frente à invasão silenciosa dos estrangeirismos excessivos e desnecessários, como ilustram pronunciamentos de lingüistas, escritores, jornalistas e políticos, e que foram captados com humor na matéria Quero a minha língua de volta!, de autoria do jornalista e poeta JOSÉ ENRIQUE BARREIRO, publicada há pouco tempo no JORNAL DO BRASIL.

Em segundo lugar, há que ser lembrada a reação positiva dos meios de comunicação de massa diante da situação que aqui está sendo discutida. De fato, nunca se viu tantas colunas e artigos em jornais e revistas, como também programas de rádio e televisão, sobre a língua portuguesa, especialmente sobre o seu uso no padrão culto; nesse sentido, também é digno de nota que os manuais de redação, e da redação, dos principais jornais do País se sucedam em inúmeras edições, ao lado de grande variedade de livros sobre o assunto, particularmente a respeito de como evitar erros e dúvidas no português contemporâneo. Em, terceiro lugar, cabe lembrar que atualmente o jovem brasileiro está mais interessado em se expressar corretamente em português, tanto escrita como oralmente, como bem demonstra a matéria de capa - A ciência de escrever bem - da revista ÉPOCA de 14/6/99. Por fim, mas não porque menos importante, as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil se oferecem como oportunidade ímpar para que discutamos não apenas o período colonial, a formação da nacionalidade, o patrimônio histórico, artístico e cultural da sociedade brasileira, mas também, e muito especialmente, a língua portuguesa como fator de integração nacional, como fruto - tal qual a falamos -

da nossa diversidade étnica e do nosso pluralismo racial, como forte expressão da inteligência criativa e da fecundidade intelectual do nosso povo. Posto isso, posso afirmar que o PL ora submetido à Câmara dos Deputados pretende, com os seus objetivos, tão-somente conscientizar a sociedade brasileira sobre um dos valores mais altos da nossa cultura - a língua portuguesa. Afinal, como tão bem exprimiu um dos nossos maiores lingüistas, NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA, no Prefácio de sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa (28ª ed., São Paulo, Edição Saraiva, 1979), "conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. ... A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?".

Movido por esse espírito, peço toda a atenção dos meus nobres colegas de parlamento no sentido de apoiar a rápida tramitação e aprovação do projeto de lei que tenho a honra de submeter à apreciação desta Casa legislativa.

Sala das Sessões, em 28 de março de 2001.

Deputado ALDO REBELO

ANEXO C - Requerimento dos linguistas ao Senado da República

Excelentíssimo Senhor Senador Ricardo Santos

DD. Presidente da Comissão de Educação do Senado Federal

Senadores e Senadoras que compõem a Comissão de Educação do Senado Federal:

Está começando a tramitar, no Senado Federal, o projeto de lei nº 1676/99, originário da Câmara dos Deputados, de autoria do Deputado Aldo Rebelo (PCdoB/SP) que "dispõe sobre a promoção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências".

Não há dúvida de que o Brasil precisa investir esforços no sentido de estabelecer diretrizes para uma política lingüística nacional, reconstruindo aquela que vige entre nós há séculos. Essa nova política deverá, *entre outros aspectos*:

- Reconhecer o caráter multilingüe do País e, ao mesmo tempo, a grande e rica diversidade da língua portuguesa que aqui se fala e se escreve;
- Promover um combate sistemático a todos os preconceitos lingüísticos que afetam nossas relações sociais e que constituem pesado fator de exclusão social entre nós;

- Estimular a pesquisa científica da complexa realidade lingüística nacional e favorecer a ampla divulgação de seus resultados;
- Estimular a reformulação crítica das gramáticas e dos dicionários para que, ao registrar a norma padrão real, o façam de forma a facilitar seu ensino e difusão;
- Definir os direitos lingüísticos do cidadão.

Infelizmente, o projeto de lei nº 1676/99 contribui muito pouco para atingirmos metas importantes como essas que acabamos de mencionar.

Já em sua justificativa, o projeto reitera uma série de equívocos sobre a realidade lingüística brasileira, cujos efeitos deletérios não podem ser desprezados. Em particular, reitera o mito da unidade lingüística, mito que constitui a base da construção de uma intrincada rede de crenças que configuram o preconceito lingüístico no Brasil.

Por outro lado, o corpo do projeto, *entre outros graves defeitos*:

- Restringe, por desconsiderar nossa realidade multiétnica e multilingüe, o direito de expressão das várias etnias que compõem o Brasil;
- Interfere negativa e restritivamente nos processos normais de expansão do vocabulário do português brasileiro, por desconhecer a dinâmica lingüístico-cultural das sociedades humanas;
- Atribui equivocadamente à Academia Brasileira de Letras, por ignorar as instituições brasileiras em que efetivamente se faz o estudo sistemático da língua portuguesa entre nós, o papel de “guardião dos elementos constitutivos da língua portuguesa usada no Brasil”.

Por esse e outros aspectos, a aprovação definitiva do referido projeto de Lei trará grandes prejuízos à cultura lingüística do País. Assim, nós, presidentes das entidades abaixo mencionadas, vimos solicitar que, durante a apreciação do referido projeto de lei, sejam ouvidos, *em audiência pública*, representantes da comunidade científica brasileira, em particular da área de lingüística e Letras, de modo a se poder melhor avaliar os vários defeitos daquele projeto e suas muitas repercussões negativas.

Atenciosamente,

Profª Drª Maria Elias Soares

Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN)

Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB)

Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Freda Indursky

Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Lingüística (ANPOLL)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ANEXO D - Questionário aplicado aos alunos.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Curso de Especialização

Práticas reflexivas e ensino-aprendizagem de Inglês na escola pública

Questionário elaborado pela Profª Jane de Oliveira Pereira

Pesquisa para trabalho final do Curso de Especialização em Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública

Nome: _____ série: _____ idade: _____

1) Você acha importante estudar Inglês? Sim Não

2) Qual é o seu interesse pela língua inglesa?

- Apenas o suficiente para passar nos exames escolares.
- Para conseguir se comunicar caso viaje.
- Para entender filmes / músicas em inglês.
- Por motivos profissionais / Ter um emprego melhor no futuro.

3) Você estuda Inglês fora da Escola Pública?

- Em Instituto de Línguas (Curso de Idiomas) ou com professor Particular.
- Não estudo por não ter condições financeiras para isso.
- Não estudo Inglês fora da Escola Pública, nem tenho interesse.
- Estudo sozinho em casa, com vídeo game, músicas e filmes.

4) Você tem notado / percebido que há no nosso idioma, diversas palavras de origem inglesa que usamos com certa frequência na nossa língua portuguesa?

- Sim, observo que há muitas palavras em inglês no meu dia a dia.
- Sei que há palavras em inglês, mas nunca parei para observar.
- Como não entendo inglês, não percebo muito isso.
- Não gosto muito de inglês, por isso procuro ignorar essas palavras.

5) Você sabe o que são estrangeirismos dentro da língua portuguesa? Explique o que você conhece sobre esse assunto.

6) Caso a resposta da pergunta anterior seja afirmativa, escreva estrangeirismos que você conhece /se lembra nas seguintes áreas:

Comércio/Shopping/Alimentação_____

Esporte/TV_____

Informática/Internet_____

7) Você sabe o que essas palavras significam?

Leia essa letra de música:

Pela Internet

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleja ...(2x)

Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate

Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut de acessar
O chefe da Mac Milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus para atacar os programas no Japão

Eu quero entrar na rede para contatar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular

Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar...

Gilberto Gil

8) Com referência à música, você consegue compreender o sentido/significado dela, mesmo com essa quantidade de palavras de origem inglesa?

- Não consigo compreender nada.
- Compreendo parcialmente o significado da música.
- Compreendo bem, mesmo havendo muitas palavras em inglês.
- Compreendo tudo facilmente, nem havia percebido que as palavras estão em inglês.

9) Volte ao texto com a música e circule todas as palavras que você conhece.

10) Leia essas palavras com atenção e marque caso você a conheça e a utilize no seu dia-a-dia:

- | | | |
|-------------------------------------|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Bacon | <input type="checkbox"/> Hippie | |
| <input type="checkbox"/> Blitz | <input type="checkbox"/> Laser | <input type="checkbox"/> Self Service |
| <input type="checkbox"/> Check up | <input type="checkbox"/> Light | <input type="checkbox"/> Sexy |
| <input type="checkbox"/> Country | <input type="checkbox"/> Lycra | <input type="checkbox"/> Short |
| <input type="checkbox"/> Delivery | <input type="checkbox"/> Marketing | <input type="checkbox"/> Startar |
| <input type="checkbox"/> Deletar | <input type="checkbox"/> Milk Shake | <input type="checkbox"/> Slide |
| <input type="checkbox"/> E-mail | <input type="checkbox"/> Mouse | <input type="checkbox"/> Spray |
| <input type="checkbox"/> Freezer | <input type="checkbox"/> Office boy (Moto boy) | <input type="checkbox"/> Teen |
| <input type="checkbox"/> Gay | <input type="checkbox"/> Outdoor | <input type="checkbox"/> Trailer |
| <input type="checkbox"/> Hall | <input type="checkbox"/> Rock and Roll | <input type="checkbox"/> Video game |
| <input type="checkbox"/> Happy Hour | | <input type="checkbox"/> Volleyball |

11) Marque nas frases abaixo, a expressão que você prefere, (português ou inglês).

- | | |
|---|--|
| a) <input type="checkbox"/> Comer um hot-dog | <input type="checkbox"/> Comer um cachorro-quente. |
| b) <input type="checkbox"/> Tomar um drink | <input type="checkbox"/> Tomar uma bebida. |
| c) <input type="checkbox"/> Pizza delivery | <input type="checkbox"/> Entrega de pizza. |
| d) <input type="checkbox"/> Ele é um serial killer | <input type="checkbox"/> Ele é um assassino em série. |
| e) <input type="checkbox"/> Vamos fazer um coffee break | <input type="checkbox"/> Vamos fazer pausa para um café. |
| f) <input type="checkbox"/> Ele é gay. | <input type="checkbox"/> Ele é homossexual. |

12) Você já viu esse assunto (Uso de Estrangeirismos) nas aulas de inglês?

- Não que eu me lembre / Meu professor de inglês nunca trabalhou esse assunto.
- Pelo menos uma vez / Lembro vagamente de alguns comentários.
- Meu professor trabalha/já trabalhou esse assunto em inglês com frequência.
- Já estudei esse assunto apenas com professor de português.

13)Esse é um assunto que atrairia sua atenção?

Você gostaria de aprender (nas aulas de inglês), mais sobre essas expressões e em quais situações comunicativas a usamos?

- Tenho muito interesse em aprender mais coisas sobre esse assunto.
- Tenho algum interesse em aprender sobre esse assunto.
- Tenho pouco interesse em aprender sobre esse assunto.
- Não tenho interesse algum de aprender sobre esse assunto.

ANEXO E – Comprovante de envio do Projeto para Plataforma Brasil – Comitê de Ética.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC/SP



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estrangeirismos de origem Inglesa: Base para o ensino-aprendizagem e ampliação dos conhecimentos prévios nas aulas de Inglês.

Pesquisador: Jane de Oliveira Pereira

Versão: 1

CAAE: 07659912.6.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 055268/2012

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 83 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3870-8466

Fax: (11)3870-8466

E-mail: comitica@pucsp.br